



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLETRAS
MESTRADO ACADÊMICO

**EU USO TU, E VOCÊ? UM ESTUDO SOBRE O USO DO PRONOME NA ESCRITA
DIGITAL DE LUDOVICENSES**

SÃO LUÍS
2022

ARIELSON TAVARES

**EU USO TU, E VOCÊ? UM ESTUDO SOBRE O USO DO PRONOME NA ESCRITA
DIGITAL DE LUDOVICENSES**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a. Veraluce da Silva Lima

SÃO LUÍS

2022

EU USO TU, E VOCÊ? UM ESTUDO SOBRE O USO DO PRONOME NA ESCRITA DIGITAL DE LUDOVICENSES

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Aprovado em: 11/04/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima

Orientadora/Presidente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a Dr^a MariaTeresa Tedesco Vilardo Abreu

Examinador Externo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Prof^a. Dr^a. Mônica Fontenelle Carneiro

Examinador Interno

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a Dr^a Mônica da Silva Cruz

Membro Suplente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

“Tudo no tempo de Deus”.

*Aos meus três filhos amados: Belinha, Romeu e Dom. Razão do
meu viver!*

AGRADECIMENTOS

*“O homem sonha, Deus quer, a obra nasce.”
Fernando Pessoa*

Ao longo da vida, sempre achei que a educação seria o caminho mais seguro para mudar a minha realidade social e pessoal. Por ser filho de mãe solo, de família humilde e por ter estudado toda a educação básica em escola pública no interior do Maranhão, achava que o acesso à universidade não seria possível. Felizmente, eu estava errado, consegui ingressar no curso superior em Licenciatura Plena em Letras e neste Mestrado Acadêmico em Letras.

No entanto, até aqui, a caminhada nunca foi fácil, a vida sempre me deixou diante de obstáculos e tive que recomeçar muitas vezes. Aprendi que não conseguimos nada sozinho, é preciso que estejamos amparados por uma rede imensa de apoio. Neste caminhar, gostaria de agradecer,

Inicialmente, ao nosso amado e grandioso Deus de promessas, que nos forneceu gratuitamente o dom da vida, por toda sua grandiosidade, misericórdia e por ter me dado força para ser resiliente diante de todos os momentos difíceis. Pai, sempre soube que tinhas o melhor para mim.

Aos meus queridos filhos Belinha, Romeu e Dom. Obrigado por todo afeto, amor e parceria. Saibam que em todas as vezes que pensei em desistir, lembrava que não podia porque vocês sempre estavam, mesmo que em silêncio e no olhar, encorajando-me para realizar os meus sonhos. Meus sinceros agradecimento à minha esposa Soelma por nossa trajetória de vida e pelo apoio.

À minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Veraluce da Silva Lima, pela valiosa orientação nesta dissertação, por ter acreditado na minha pesquisa e por ter me mostrado a maravilha que é pesquisar por meio da fenomenologia. Espero que o universo da ciência nos dê mais oportunidades de trabalharmos juntos. Meu sincero carinho, respeito, admiração e gratidão.

À Prof^a. Dr^a Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu pela gentileza e pela disponibilidade em participar desta banca. Também à Prof^a. Dr^a Monica Carneiro Fontinelle pelo acolhimento inicial como orientadora no primeiro semestre de 2019.2 e por ter lutado bravamente, junto com a professora Veraluce, para que a turma 2019.2 existisse. Sem vocês, este momento não seria possível. Muito obrigado!

Aos queridos colegas da turma 2019.2 por tantos momentos felizes que tivemos juntos e pelo generoso encontro que a vida nos proporcionou. Em especial, às queridas amigas Isabel e Wanessa pela parceria, pelo carinho e pelos longos papos pela madrugada para sabermos se chegaríamos até este momento. Deus é maravilhoso mesmo, aqui estamos.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Mas, não poderia deixar de agradecer a mim mesmo por nunca ter desistido de mim e dos meus sonhos.

Como diria Fernando Pessoa, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Gratidão!!!

RESUMO

São Luís, assim como poucas cidades do Brasil, usa o pronome *Tu* para se referir à 2ª pessoa do discurso (aquela com quem se fala), contudo, na realidade nacional, predomina o uso do pronome *Você*. Nesse sentido, nas redes sociais da web, por exemplo, o interagente, ao fazer referência à segunda pessoa do discurso do singular, opta entre o *Tu* e o *Você*. A escolha do tema deste trabalho justifica-se pelo crescente avanço da comunicação nessas redes sociais, mais especificamente no *WhatsApp*. É notória a presença de diálogos, com o uso da segunda pessoa discursiva, nesse ambiente virtual, o qual possibilita uma maior circulação dos dados e informações repassados entre os interagentes. Este trabalho tem como principal objetivo investigar a ocorrência dos pronomes *Tu* e *Você* em enunciados escritos de ludovicenses no *WhatsApp*. Como arcabouço teórico, trabalhamos com a Teoria da Linguística da Enunciação, na perspectiva de Benveniste (1970 e 1989), dentre outros teóricos dessa vertente teórica. Subsidiaram, ainda, esta pesquisa estudos sobre os estudos que tratam sobre os pronomes, como os de Alves (2015), de Arnaud (2001), de Borges (2013), de Castilho (2018 e 2019), de Soto (2007), dentre outros teóricos. A metodologia é de base qualitativa, na perspectiva Fenomenológica Hermenêutica de Paul Ricoeur (1991, 1996, 2005). Para análise dos dados, nos baseamos na seguinte questão norteadora: de que forma ocorre o uso dos pronomes *Tu* e *Você* em enunciados escritos de ludovicenses no *WhatsApp*? Como instrumento de coleta de dados, construímos um corpus, composto por 70 (setenta) textos produzidos por interagentes no *WhatsApp*, organizados em dois grupos. Para análise dos dados, selecionamos 4 (quatro) textos produzidos pelo grupo 1 (um), denominado Maranhês 1, este formado por interagentes com idades entre 15 a 29 anos, e 3 (três) textos do Grupo Maranhês 2, com idades entre 45 a 60 anos. Tal caminho metodológico nos possibilitou tratar nosso objeto a partir de dois momentos de análise: a *análise ideográfica* que tem como intuito tornar explícitas as unidades significativas dos enunciados, deixando em evidências as representações de ideias por meio de símbolos e a *análise nomotética*, com o objetivo de identificar e analisar as categorias abertas. Encontramos 4 (quatro) categorias abertas: Uso do *Tu* e do *Você* como Forma de Tratamento, Alternância das Posições Discursivas dos Enunciadores, Alternância entre o Uso do *Tu* e do *Você* e Uso do *Tu* e do *Você* como Pronomes Endofóricos. Os dados foram analisados com base no arcabouço teórico-metodológico escolhido para fundamentar o trabalho. Os resultados decorrentes da análise dos dados podem contribuir para ampliar os estudos sobre o uso dos pronomes *Tu* e *Você* no português escrito nos espaços de escrita online.

Palavras-chave: Escrita digital. Linguística da Enunciação. Pronomes *Tu* e *Você*.

RESUMEN

São Luís, como pocas ciudades de Brasil, utiliza el pronombre Tu para referirse a la 2ª persona del discurso (con quien hablas), sin embargo, en la realidad nacional, predomina el uso del pronombre Você. En ese sentido, en las redes sociales de la web, por ejemplo, el interactor, al referirse a la segunda persona del discurso singular, elige entre el Tu y el Você. La elección del tema de este trabajo se justifica por el creciente avance de la comunicación en estas redes sociales, más concretamente en WhatsApp. Es notoria la presencia de diálogos, con el uso de la segunda persona discursiva, en este entorno virtual, lo que permite una mayor circulación de datos e información transmitida entre los interactuantes. El objetivo principal de este trabajo es investigar la ocurrencia de los pronombres Tu y Você en los enunciados escritos de los ludovicenses en WhatsApp. Como marco teórico, se trabaja con la Teoría Lingüística de la Enunciación, desde la perspectiva de Benveniste (1970 y 1989), entre otros teóricos de esta rama teórica. Esta investigación también apoya estudios sobre estudios que tratan con pronombres, como los de Alves (2015), Arnould (2001), Borges (2013), Castilho (2018 y 2019), Soto (2007), entre otros teóricos. La metodología es cualitativa y tiene la perspectiva Fenomenológica Hermenéutica de Paul Ricoeur (1991, 1996, 2005). Para el análisis de los datos, nos basamos en la siguiente pregunta central: ¿cómo es el uso de los pronombres Tu y Você en las expresiones escritas de los ludovicenses en WhatsApp? Como instrumento de recolección de datos, construimos un corpus, compuesto por 70 (setenta) textos producidos por los interactores de WhatsApp, organizados en dos grupos. Para el análisis de los datos, se seleccionaron 4 (cuatro) textos producidos por el grupo 1 (uno), denominado Maranhês 1, formado por interactuantes con edades entre 15 y 29 años, y 3 (tres) textos del Grupo 2 de Maranhês, con edades entre 45 a 60 años. Este camino metodológico nos permitió tratar nuestro objeto a partir de dos momentos de análisis: el análisis ideográfico que pretende explicitar las unidades significativas de los enunciados, dejando en evidencia las representaciones de ideas a través de símbolos y el análisis nomotético, con el objetivo de identificar y analizar las categorías abiertas. Encontramos 4 (cuatro) categorías abiertas: Uso de Tu y Você como Forma de Tratamiento, Alternancia de Posiciones Discursivas de Enunciadores, Alternancia entre el Uso de Tu y Você y Uso de Tu y Você como Pronombres Endofóricos. Los datos fueron analizados a partir del marco teórico-metodológico elegido para sustentar el trabajo. Los resultados del análisis de datos pueden contribuir para ampliar los estudios sobre el uso de los pronombres Tu y Você en portugués escrito en espacios de escritura en línea.

Palabras clave: Escritura digital. Lingüística de la enunciación. Pronombres tu y você.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 –	Classificação dos pronomes pessoais no Português Brasileiro ...	23
QUADRO 2 –	Recursos, Características e Interação do “WhatsApp”.	46
QUADRO 3 –	Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas	82
Figura 1 –	Representação de pronome e pessoa em Benveniste	28
Figura 2 –	Ícone do WhatsApp.....	45
Figura 3 –	Perfil do usuário	46
Figura 4 –	Mensagem de recebimento.....	46
Figura 5 –	Tela de Mensagens de texto	47
Figura 6 –	Recursos Visuais	47
Figura 7 –	Opções de arquivos.	47
Figura 8 –	Mensagem de voz.....	47
Figura 9 –	Grupos	48
Descrição 1		59
Descrição 2		62
Descrição 3		65
Descrição 4		67
Descrição 5		70
Descrição 6		72
Descrição 7		77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	BREVE PANORAMA HISTÓRICO DOS PRONOMES <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i>	19
2.1	Considerações sobre o pronome <i>ocê</i>	21
2.2	O uso do pronome <i>tu</i> em São Luís.....	22
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIAÇÃO ...	27
3.1	A Teoria da Enunciação na perspectiva de Benveniste	29
3.2	A linguística enunciativa benvenistiana e a teoria linguística da pessoa.....	35
3.3	Os pronomes pessoais e os vazios semânticos	42
4	METODOLOGIA	44
4.1	O WhatsApp como região de inquérito da pesquisa	44
4.2	O método fenomenológico	48
4.3	Os procedimentos metodológicos da pesquisa.....	52
5	O USO DOS PRONOMES <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> NO WHATSAPP: uma abordagem fenomenológica	56
5.1	Tratamento dos dados	56
5.2	Análise fenomenológico-hermenêutica	58
5.2.1	Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Enunciados dos Sujeitos	58
5.2.2	Análise Nomotética: Identificação e Interpretação das Categorias Abertas	81
5.2.2.1	<i>Identificação das Categorias Abertas</i>	81
5.2.2.2	<i>Interpretação das Categorias Abertas</i>	85
6	MARANHÊS 1 E MARANHÊS 2: um olhar conclusivo a partir das Categorias Abertas	96
	REFERÊNCIAS.....	103

1 INTRODUÇÃO

Com a evolução da tecnologia, estávamos aguardando que aos poucos os meios de comunicação fossem sendo substituídos uns pelos outros. Entretanto, o que aconteceu foi o inverso, com o passar do tempo e com a evolução das tecnologias; os meios de comunicação passaram então a interagir entre si, complementando um ao outro. Segundo Thompson (2009, p.77), “durante a maior parte da história humana, as interações foram face a face”. No entanto, ao longo dos anos e com o advento da tecnologia digital, isso foi se modificando e outras formas de interação foram surgindo nos espaços de escrita *on-line*, possibilitados pela internet.

É evidente que, “atualmente, há pessoas para as quais a sua vida social ou profissional está centrada ou é, no mínimo, mediada pela Internet e pelas ferramentas nela disponíveis” (STORTO; GALEMBECK, 2007, p.1591). Nesse meio, a internet passou a centralizar as nossas relações e ofertar ferramentas imprescindíveis para a vida humana. Nesse pensamento, Lévy (1998, p. 02), ao tratar dessas modificações ocorridas na contemporaneidade, aborda que a internet e/ou meio *on-line*

Está se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que isso vai se tornar em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, mas, com certeza, dá para ver que isso vai ter implicações muito importantes no campo da educação, do trabalho, da vida política, das questões dos direitos.

É dentro dessa lógica que se torna possível conceber a existência desses espaços de escrita *on-line*. Isto é, a internet e suas múltiplas possibilidades fez crescer o número de aplicativos e redes sociais destinados à socialização e interação humana.

Diante disso, o uso exponencial das redes sociais, no século XXI, veio da expressiva democratização da internet no país, o que alterou diretamente a nossa forma de nos comunicarmos. Nesse viés, nossas práticas de linguagem também foram afetadas pela tecnologia na contemporaneidade. Nesse sentido, compactuamos com o pensamento de Crystal (2002, p.103), ao fazer a seguinte afirmação: “a internet nos proporcionou um meio linguístico novo, que oferece uma escala completamente nova de possibilidade de expressão, com dimensões inéditas

de variação estilística e formas novas de enfocar o uso da língua”. Assim, é inegável a influência que a internet tem sobre a sociedade moderna, sobretudo, para com a língua, pois, por meio dos muitos recursos modernos ofertados pela internet, temos também uma complexidade de novas práticas linguísticas e novas formas de interação pela língua(gem).

Um dos fatos destacados por Marcuschi (2015, p.13) que nos chama atenção é que as tecnologias que vêm surgindo, na atualidade, conseguem “[...] reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados”. Essas características citadas pelo autor são de fato muito presentes em todos os espaços de escrita on-line. É justamente essa maleabilidade que nos interessa nessas redes sociais enquanto espaço linguístico, perceber a língua(gem) na pós-modernidade por meio das suas diferentes formas de expressão.

Sobre os estudos realizados em espaços de escrita on-line, é importante destacar que, segundo Barton; Lee (2015, p.220-221), “os textos são produzidos em contextos autênticos de uso e, mais importantes, por que as pessoas empregam estratégias linguísticas diferentes em diferentes contextos de uso”. Assim, os autores afirmam também que, desde o início da Internet, há críticas a características linguísticas que aparecem com frequência na comunicação on-line, tais como abreviação de palavras e ortografia estilizada, comumente usadas em mensagens de texto. Porém, esses aspectos não devem ser menosprezados, mas, sim, analisados como uma forma diferente de utilização da língua. Desse modo, é essencial que se compreenda a língua escrita na *web* e seu uso no ambiente digital.

Nesse contexto, como objeto de pesquisa, escolhemos os pronomes pessoais “**Tu** e **Você**”, os quais têm fundamental importância na língua (BENVENISTE, 1970) e se fazem presentes em conversações escritas no *WhatsApp*, ambiente on-line de onde retiramos nosso corpus de pesquisa e de análise. Cabe ressaltar que escolhemos esse ambiente de escrita digital como campo de pesquisa, devido a sua influência e popularidade na vida do homem contemporâneo.

Em pesquisa realizada no ano de 2019, a consultoria americana *eMarketer*¹ constatou que o *WhatsApp* é um dos aplicativos mais utilizados no mundo, sendo o

¹ Pesquisa disponível em: <https://www.emarketer.com/content/global-messaging-apps-2019#page-charts>

Brasil um dos seus principais utilizadores, com 120 milhões de usuários ativos mensalmente. Com a internet, o uso do aplicativo *WhatsApp* vem se tornando algo cada vez mais presente e com isso a interatividade, no ambiente virtual, passou a ser alvo de estudo, uma vez que o seu uso é responsável pelas mudanças ocorridas no processo comunicativo. Nessa perspectiva, acreditamos que, independente do século e dos meios de investigação da língua(gem), os espaços de escrita on-line, com destaque para o *WhatsApp*, sejam viáveis para investigar o uso dos pronomes pessoais **Tu** e **Você** nos enunciados escritos de ludovicenses, pois “a estrutura básica da língua não mudou por causa da internet” (BARTON; LEE, 2015, p.24).

De acordo com Flores (2011), os pronomes pessoais estão no centro das reflexões no que tange o processo discursivo, pois faz refletir de que é natural da língua(gem) possuir indivíduos que colocam a língua em funcionamento e em uso e nos permite entender que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro” (BENVENISTE, 1995, p. 285). Assim, no mundo da linguagem, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem. E a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1970, p. 285).

O presente trabalho tem como objetivo geral “investigar o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos no WatsApp”. Ele está fundamentado nos pressupostos teóricos da **Linguística da Enunciação**, mais especificamente na Enunciação na perspectiva de Émile Benveniste (1970 e 1989), nos estudos sobre a **Linguagem da Internet**, como os de Barton e Lee (2015), de Crystal (2002), de Shepherd e Saliés (2013) e Lévy (1993, 1996, 1999), dentre outros. Também nos fundamentamos em estudos que tratam sobre os **Pronomes**, como os de Alves (2015), de Arnauld (2001), de Borges (2013), de Castilho (2018 e 2019), de Soto (2007), dentre outros teóricos.

Para tanto, este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, uma vez que não se prende a representações numéricas, mas sim, busca compreender o fenômeno em seu íntimo, conforme Gil (2014). Ainda tem base fenomenológica, na qual o pesquisador tem a preocupação em esclarecer os dados que lhe foram apresentados, “[...] não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos [...] o objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o

mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2014, p.14).

Nesse sentido, em nosso percurso metodológico, seguimos os caminhos da **Fenomenologia Hermenêutica** de Paul Ricoeur (1991, 1996, 2005). Tal caminho metodológico nos possibilita tratar nosso objeto a partir de dois momentos de análise: a **análise ideográfica** que tem como intuito tornar explícitas as unidades significativas dos enunciados, deixando em evidências as representações de ideias por meio de símbolos; a **análise nomotética**, com o objetivo de identificar e analisar as categorias abertas, momento em que procuramos atribuir um caráter de generalidade que se origina de fatos ou que se baseia em fatos (MARTINS; BICUDO, 1989).

Todo o caminho metodológico desta pesquisa busca a compreensão do fenômeno e se objetiva responder à seguinte questão que norteou este estudo: De que forma ocorre o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos de ludovicenses no *WhatsApp*?

Para a coleta de dados, construímos um *corpus*, procedimento qualitativo que “garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo” (BAUER; AARTS, 2002, p.40). Esse *corpus* foi composto por um total de 70 mensagens de textos produzidos por interagentes no *WhatsApp* e capturados por meio de *Print screens*². Do corpus construído, selecionamos apenas 07 (sete) *Print screens*, a partir dos quais procuramos compreender o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados produzidos no *WhatsApp*.

Ressaltamos que, para integrar os grupos de investigação deste estudo, os sujeitos participantes necessitaram passar por um teste de sondagem dos membros. Cada sujeito da pesquisa devia se enquadrar nos seguintes critérios: ter entre 15 a 60 anos, ter nascido e residir em São Luís. Foram assim formados dois grupos: o primeiro, denominado de Maranhês 1, foi composto por 10 (dez) participantes que tinham idade entre 15 e 29 anos; o segundo, nomeado como Maranhês 2, foi formado, também, por 10 (dez) integrantes, com idades entre 45 a 60 anos. Ao primeiro grupo, propusemos para debater questões relacionadas ao universo da escola e, selecionamos apenas 04 (quatro) *Print screens* para análise. Ao segundo grupo, como os participantes já tinham concluído o Ensino Médio, propusemos para

² Um *print* é uma captura de tela de celulares ou computadores. O *Print Screen* (captura de tela) é uma tecla ou botão comum em plataformas digitais. Em termos gerais, *Print Screen* significa “fotografar” uma tela. Vale destacar que os *prints* são essenciais nessa investigação, sendo a base do corpus, e, conseqüentemente, da nossa análise (ABREU, 2019, p.31).

debate temas que estavam em destaque na época e selecionamos para análise apenas 03 (três) *Print screens*.

O estudo foi organizado em 6 (seis) capítulos. O primeiro capítulo, a INTRODUÇÃO, tem o objetivo de trazer uma noção introdutória do que trata nossa pesquisa; quais os objetivos e questões que norteiam este estudo, dentre outros aspectos que destacam o *WhatsApp*, como um dos principais espaços de escrita on-line para os estudos linguísticos e, portanto, colocando-o como nossa principal fonte de observação, uma vez que suas ferramentas nos permitem vantagens e recursos como a criação de grupos que possibilitam uma socialização do uso da língua(gem).

O segundo capítulo, denominado BREVE PANORAMA HISTÓRICO DOS PRONOMES TU E VOCÊ, tem como objetivo tecer considerações em torno do percurso gramatical dos pronomes **Tu** e **Você**, para que fossem vistos como formas pessoais de igual equivalência para tratar da 2ª pessoa discursiva. Seguindo esse fio condutor, apresentamos, ainda que sucintamente, o contexto histórico que fez com que o pronome Vossa Mercê fosse substituído hoje pelas formas **Você**, ou ainda **ocê**, **cê**, dentre outras formas. Apresentamos, também, qual o espaço do pronome **Tu** no falar ludovicense.

O terceiro capítulo, intitulado PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGÜÍSTICA DA ENUNCIACÃO, promove uma discussão sobre os principais fundamentos teóricos sobre a enunciação, na perspectiva de Benveniste (1970 e 1989). Sobre a relação entre a linguística enunciativa e a teoria linguística da pessoa, bem como dos pronomes pessoais e os vazios semânticos. Esse aporte teórico serve de pilar para compreendermos a noção de Pessoa dentro dos processos enunciativos e, assim, ampliar nosso entendimento sobre as questões ligadas aos pronomes e aos vazios semânticos.

Quanto ao quarto capítulo, denominado METODOLOGIA, tem o objetivo de descrever o percurso metodológico deste estudo. Apresentamos os principais fundamentos da Fenomenologia-Hermenêutica enquanto método da apreensão do nosso objeto de estudo. Além disso, deixamos exposta nossa Região de Inquérito, lugar de onde capturamos as mensagens de textos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Ainda, neste capítulo, tratamos dos procedimentos metodológicos.

No quinto capítulo, O USO DOS PRONOMES TU E VOCÊ NO WHATSAPP: uma abordagem fenomenológica, apresentamos o tratamento dos dados; seguido da análise fenomenológico-hermenêutica. Esta análise pauta-se em aspectos

epistemológicos e filosóficos que nos mostra a exposição dos dados levantados a partir de dois momentos de análise: *Análise Ideográfica* e *Análise Nomotética*. Para tanto, tivemos como base o aporte teórico já mencionado e a trajetória metodológica que fora construída, a fim de desvelar o fenômeno investigado.

O último capítulo, denominado CONSIDERAÇÕES FINAIS, retorna à questão norteadora desta pesquisa e mostra o desvelamento do fenômeno investigado. Os resultados apontaram que o uso dos pronomes pessoais **Tu** e **Você** em enunciados escritos por ludovicenses no *WhatsApp* tem total aceitabilidade. Um dos comportamentos linguísticos dos sujeitos da pesquisa que rompe com a prescrição das gramáticas normativas é o fato de esses sujeitos usarem a alternância de uso entre os pronomes **Tu** e **Você** para tratar da 2ª pessoa discursiva em relação de equivalência.

Portanto, a relevância deste estudo reside no fato de que a abordagem aqui descrita se configura como uma importante e valorosa contribuição sobre os aspectos da enunciação do português escrito ludovicense, partindo do *WhatsApp* que tem se configurado como um dos principais meios de comunicação da atualidade. Eleva-se, assim, ao conjunto de conhecimentos científicos sobre o tema, como a crescente produção de textos digitais em língua portuguesa, que se multiplicam a cada dia, dentro dos espaços de comunicação on-line, a qual requer uma linguística própria que dê conta do uso da língua, enquanto prática discursiva situada histórica e socialmente. Outrossim, o estudo se aproxima da realidade discursiva dos falantes ludovicenses que procura compreender como os pronomes **Tu** e **Você** estão sendo usados no dia a dia desses indivíduos.

2 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DOS PRONOMES *TU* E *VOCÊ*

Promover estudos sobre os pronomes é uma tarefa muito significativa para a compreensão do uso da linguagem. Isto porque “os homens foram obrigados a falar muitas vezes das mesmas coisas num mesmo discurso e para não repetir as mesmas palavras, inventaram certos termos para substituir esses nomes, sendo denominados pronomes” (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p.54).

Contribuindo com esse pensamento, Borges (2013, p. 231) afirma que os pronomes “são palavras que substituem os nomes ou a eles se referem, determinando-lhes a extensão do significado”. Na Língua Portuguesa, temos seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos. Nessa direção, é relevante refletir acerca dos pronomes pessoais, os quais têm como função básica fazer referência a uma das pessoas do discurso, ou seja, as entidades referidas numa interlocução ou diretamente (quem fala e a quem se fala) ou indiretamente (de quem/de que se fala).

Os pronomes pessoais têm uma relevância para a língua, pois eles são responsáveis pela construção da referenciação discursiva em relação aos interlocutores que estão envolvidos no processo discursivo³. Benveniste (1995, p.277) afirma que “todas as línguas possuem pronomes e, em todas, eles se definem como referindo-se às mesmas categorias de expressão (pronomes pessoais, demonstrativos, etc.)”. Vemos, assim, que a linguagem está atrelada aos pronomes pessoais, “pois estes são ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (BENVENISTE, 1995, p.277).

No português brasileiro, percebemos que o falante, ao fazer referência à segunda pessoa do singular, pode optar entre os pronomes *Tu* e *Você*. Essa escolha, nos ambientes de escrita on-line, especificamente no aplicativo mais comum de trocas de mensagens, o whatsapp, fica visível nas mensagens de texto postadas pelos interagentes. No caso do pronome *Você*, por exemplo, podemos notar a constante substituição desse pronome por suas formas suprimidas, *ocê* e *cê*.

³Neste trabalho, estamos usando o discurso para definir as três posições fundamentais do *enunciador*; do *coenunciador* e da *não pessoa*.

Vale ressaltar que, nos espaços de escrita on-line, “convenções são criadas para suplementar, textualmente, os elementos da linguagem oral e da interação, gerando uma nova escrita oralizada” (RECUERO, 2012, p. 36). Nesse sentido, a relação entre o oral e o escrito, nos espaços de escrita on-line, não deve ser considerada uma relação dicotômica, já que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2007, p.37).

As gramáticas tradicionais limitam as formas pronominais utilizadas para listar a segunda pessoa do singular, de modo que, na maioria das vezes, somente a forma pronominal **Tu** é aceita nessas gramáticas como sendo a única representatividade da segunda pessoa do singular. Segundo Mota (2008, p.17),

Ao consultar algumas gramáticas tradicionais, constata-se que as mesmas apresentam um conjunto muito limitado de informações sobre as formas pronominais de segunda pessoa, visto que se restringem a apresentar uma lista de pronomes, de maneira breve, acompanhada de quase nenhuma explicação a respeito das diferenças de uso.

Contudo, podemos dizer que, no português brasileiro, o estatuto dos pronomes vem sofrendo mudanças. Alguns estudos têm apontado para sua reorganização, sobretudo em sua modalidade falada. Alves (2015, p. 14) relata que, em termos gerais, os resultados de pesquisas sobre a variação entre as formas pronominais do português do Brasil (PB) demonstram que há, pelo menos, duas formas alternativas – **Tu** e **Você** – quando um falante quer se dirigir a seu interlocutor.

Nessa direção, Rumeu (2013, p. 3) afirma que a complexidade dos usos tratamentais não se limita ao valor semântico-social que uma determinada forma de tratamento carrega em si, mas aos valores que os falantes podem atribuir a elas, nas diferentes situações comunicativas que, por si só, são também complexas. Desse modo, é essencial que entendamos tal complexidade e que seja aprofundado o estudo sobre essas variações linguísticas e seu uso no meio digital.

Assim, a proposta construtiva deste trabalho tem o intuito de contribuir significativamente acerca dos estudos dos pronomes pessoais na Língua Portuguesa. Nesse contexto, faremos nos próximos subtópicos deste capítulo uma breve abordagem em torno do pronome **Você** e, em seguida, do pronome **Tu**.

Ressaltamos que não é intenção deste capítulo abordar os pronomes de modo geral, mas sim, fazer esse recorte dos pronomes supracitados.

2.1 Considerações sobre o pronome você

O pronome “Você” teve origem na expressão de tratamento “Vossa Mercê”, surgida no século XIV (PERES, 2006, p. 29). Contribuindo com esse raciocínio, Cintra (1972) complementa que a forma arcaica “Vossa Mercê” antes era utilidade exclusiva para tratar reis e rainhas, mas essa expressão entrou em declínio de uso e foi substituída por pronomes de tratamento *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade*. Após ser substituída por essas outras expressões, o pronome “Vossa Mercê” foi se vulgarizando e, depois de passar por várias reduções fonéticas, deu origem ao pronome pessoal “Você”. Em seu primeiro momento de popularização, essa mudança foi vista negativamente por muitas camadas sociais que acreditavam na ofensividade do uso do termo, como aponta Cintra (1972), ao tratar da chegada e popularização da variação **Você** ocorrida no século XVII em Portugal.

Para tratar dessas mudanças fonéticas, Nascentes (1956, p.116) descreve os seguintes estágios: “Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > vosm’cê > voscê > você > ocê > cê”. Conforme os estudos do autor, a forma “Vossa Mercê” passa por uma degradação tanto fonética quanto semântica, “a tal ponto que eliminou extraordinariamente a sua forma e, de tratamento real, pronominalizando-se, chegou a tratamento empregado com inferiores” (NASCENTES, 1956, p.116). O autor afirma que há dezoito registros de formas simplificadas para *Vossa Mercê*, mas todas elas caíram em desuso e apenas a expressão **Você** foi reconhecida como pronome pelo processo de “pronominalização” e aceitação social à nova forma.

As mudanças apontadas por Nascentes (1956) mostram que a mudança no uso linguístico do pronome *Vossa Mercê* influenciou diretamente no comportamento social da época, tornando-se popular e comum entre pessoas iguais o pronome **Você** e, portanto, passando a ser usado no tratamento diário dos usuários da língua.

Nessa direção,

Acompanhando o tratamento alocutivo no Português do Brasil (PB), encontramos dados que nos permitem apreender o processo de criação desse “novo” pronome *você*, como sendo um fenômeno de variação em fase de implementação, além de observarmos a mudança já implementada (SOTO, 2007, p.232-233)

Ao tratar desse processo histórico que resultou na mudança entre Vossa Mercê > Você, Lopes (2003, p. 20) discute que:

A gramaticalização de Vossa Mercê > você não foi um processo isolado, mas uma consequência de uma mudança encaixada linguisticamente e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês vós, a partir do século XV em português, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia, que exigia tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de cima para baixo, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de Vossa Mercê>vosmecê>você.

Deste modo, a mudança ocorrida no pronome Vossa Mercê não pode ser tratada como um processo isolado, mas sim como resultado e consequências do social e linguístico da época. É cabível lembrarmos que entre as dezoito formas de variações, somente a variação **Você** foi aceita e incorporada ao PB.

Esse processo foi crucial para a reorganização do sistema pronominal do português brasileiro, como conclui Peres (2007, p. 155 a 168):

[...] Em primeiro lugar, você entrou na língua portuguesa na sua forma plural, no lugar de vós, que caiu em desuso. Porém, por se haver originado de uma forma nominal – Vossa Mercê –, que fazia a concordância com a 3ª pessoa, você também passa a ter esse comportamento, mesclando a 2ª pessoa com a 3ª. O resultado desse quadro é que, numa língua de sujeito nulo, como era o PB, formas como “amava”, “partia” etc. serviam tanto à primeira pessoa quanto à segunda. Portanto, para desfazer essa ambiguidade, o falante sentiu a necessidade de explicitar o sujeito de suas frases, levando o PB a tornar-se uma língua de sujeito pleno.

Nessa acepção, o que percebemos é que a forma Você apresentou comportamento sintático no eixo gramatical diferente da forma que originou tal variação, trazendo, portanto, fortes consequências na estrutura sintática da língua. Podemos, assim, afirmar que foi dessa gramaticalização que a expressão Você se torna pronome, sendo utilizado até hoje.

2.2 O uso do pronome tu em São Luís

O pronome **Tu** tem sua origem na tradição gramatical ocidental. Nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa, ele é classificado como um pronome

peçoal do caso reto usado para representar a 2ª pessoa discursiva. Assim, esse pronome, para nomear aquele a quem se fala, foi designado “[...] por uma palavra que denominaram pronome da segunda pessoa: *Tu, toi ou vous* (“tu” ou “vós”) (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p.54). Na gramática de João de Barros, publicada em 1540, por exemplo, ele é classificado como primitivo ou primeiro, ao lado de *eu, si, este, esse, ele*.

Um fato que chama atenção é que, em muitos casos, o pronome pessoal **Tu** é substituído pelo pronome **Você**, também para se referir à pessoa com quem falamos, o que nos leva a afirmar que os pronomes pessoais são muito suscetíveis à mudança.

Castilho (2010) afirma que, no português brasileiro, os pronomes vêm passando por mudanças que têm contribuído para sua reorganização e essa reorganização “[...] repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença” (CASTILHO, 2010, p.477).

Nesse cenário, o quadro a seguir apresenta a classificação dos pronomes no português brasileiro.

QUADRO 1 – Classificação dos pronomes pessoais no Português Brasileiro

PESSOA	PORTUGUÊS BRASILEIRO FORMAL		PORTUGUÊS BRASILEIRO INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa singular	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, Prep+eu, mim
2ª pessoa singular	<i>Tu, você</i> , o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, (Preposição +) o senhor, com a senhora	Você/ocê, /tu	Você/ ocê / cê, te, ti, Preposição + você/ ocê(= docê, cocê)
3ª pessoa singular	Ele, ela	O/a (em desaparecimento), lhe, se, si, consigo	Ele/ei, ela	Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela
1ª pessoa plural	Nós	Nos, conosco	A gente	A gente, Prep + a gente
2ª pessoa plural	Vós (de uso muito restrito), os senhores, as senhoras, vocês	(Preposição+) os senhores, as senhoras	Vocês/ ocês / cês	Vocês/ ocês / cês, Preposição + vocês / ocês
3ª pessoa plural	Eles, elas	Os/as (em desaparecimento), lhes, se, si, consigo	Eles / eis, elas	Eles/ eis, elas, Preposição + eles/ eis, elas

Fonte: Quadro extraído de Castilho; Elias (2019, p.87)

Diante do exposto, podemos perceber que os autores classificam o pronome **Tu**, acompanhado de **Você** e de outras expressões como 2ª pessoa do discurso, o que ratifica o nosso pensamento de discutir as formas pronominais **Tu** e **Você** estejam na mesma classificação discursiva.

Essa alternância pode ser percebida em todo território brasileiro. Almeida (1980) descreve em seus estudos que, embora o pronome **Tu** seja o referente da 2ª pessoa do singular, ele quase nunca é usado, pois há uma supremacia do pronome **Você**, que é utilizado na maioria dos casos. O autor (1980, p.180) afirma que

No Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª do sing.; “tu quer”, e consideram ríspido o “você”) quase sempre nunca tratamos por “tu” a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: “você”, “senhor”, “vossa senhoria” (V.Sª), “vossa excelência” (V.Exa.).

Nesse sentido, ressaltamos que, embora em nossa língua tenhamos os pronomes pessoais: eu, tu, ele(a), nós, vós, eles(as), não seguimos à risca tais formas pronominais. Esses pronomes sofrem substituição frequente, como no caso do **Tu** por **Você** (ocê e o cê).

Cunha e Cintra (2001, p. 292) apontam que,

No português do Brasil, o uso de ‘tu’ restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente demarcados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por ‘você’ como forma de intimidade. ‘Você’ também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

Podemos, assim, salientar que aos poucos o pronome **Tu** passou a ser substituído pelo pronome **Você**, tanto na língua falada, como na língua escrita, à medida que começou ser empregado como forma de intimidade e como forma de tratamento de igual para igual ou de pessoas com grau social diferentes. Esse fato vem ratificar a comprovação de Castilho e Elias (2019, p.91), ao afirmarem que “Tu tem sido substituído por Você”. Nessa concepção, Zilli (2009, p. 17) afirma que os pronomes Tu e Você podem aparecer com referência ou significados diferentes, ou melhor, podem ser usados para se referir ao interlocutor, a um grupo definido, particular ou genérico, dependendo do contexto em jogo.

Convém ressaltar que o uso do pronome **Tu** como pessoa não se constitui um arcaísmo linguístico, mas é largamente empregado pelos falantes nas situações de interlocução menos formais, como um recurso de interação entre enunciador e enunciatário (RIBEIRO, 2005, p. 28).

Desse modo, quando refletimos sobre o uso do pronome de segunda pessoa no uso linguístico de ludovicenses, percebemos que este é um reflexo das raízes históricas e culturais que formam a sociedade maranhense. Tal pensamento se apoia nos estudos de Alves (2009 e 2015), os quais revelaram que “São Luís tem conservado, em sua variedade linguística, a presença viva e marcante da forma de tratamento tu” (ALVES, 2009). Esse fato nos direciona ao entendimento de como as nossas escolhas linguísticas são influenciadas pelas relações sociais entre os indivíduos e o contexto de fala que refletem diretamente na nossa língua.

Nessa direção, citamos os estudos de Ramos (1996, p.11) que, ao tratar do emprego dos pronomes no Maranhão, evidenciam que, entre as escolhas linguísticas do maranhense, o pronome **Tu** é utilizado em comunicações quando há certo grau de intimidade. No entanto, quando é preciso se manter a formalidade, a cortesia e/ou respeito entre as pessoas, usa-se o pronome **Você**.

Alguns estudos, como os de Abreu (2019) e Silva (2012), apontam a alternância entre uso do pronome **Tu** e o do **Você** partindo de objetos diferentes, mas tendo como foco primordial o uso desses pronomes dentro de conversações ludovicenses. Nesse sentido, podemos afirmar que a realidade descrita por Ramos (1996) ainda é válida para a atualidade.

Concordando com essa visão, Marroquim (1996) afirma que é na “língua matuta” que verificamos o uso, em ordem decrescente, dos pronomes de segunda pessoa – tu e você/vós – sendo a forma “você” empregado no falar da classe culta. Já a forma *tu* sofreu diversas alterações em relação à concordância verbal. A autora advoga que a uniformização das flexões verbais levou o *tu* para as conversações populares.

Esse fato ressaltado por Marroquim aponta para a percepção de estudos mais atuais como o de Abreu (2019) e Silva (2012) que descrevem comportamentos linguísticos distintos do pronome tu, o qual, em muitos enunciados de ludovicenses, se apresenta ora com concordância e ora sem concordância. Esse fato deixa explícita a relevância do meio social na variação das formas destacadas. Também deixa claro que o emprego do pronome “**Tu**” sem concordância, dentro do falar

ludovicense, está atrelado ao grau de intimidade entre os interlocutores; quando ocorre o contrário, é identificado um receio por parte dos falantes em manterem tal mudança.

Ao traçarmos o percurso histórico dos pronomes pessoais de segunda pessoa (*Tu* e *Você*), vemos que houve, ao longo do tempo, a ampla disseminação do pronome *Você* no Brasil. Contudo, o pronome *Tu*, diferente do que ocorreu com o *vós*, tem resistido no Português brasileiro, sobretudo, no falar ludovicense. O comportamento linguístico no uso desses pronomes precisa ser observado cautelosamente, pois a expansão da era digital possibilitou o surgimento de diversas mudanças linguísticas: algumas em curso e outras já consolidadas. E, concordando com Benveniste (1970 e 1989), entender os pronomes pessoais é compreender a vida da língua(gem).

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

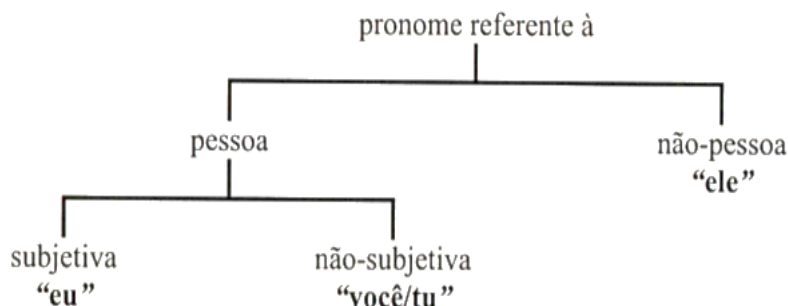
A linguagem é um fenômeno complexo que em sua realização exige bem mais do que aprender conceitos, desvendar significados e atribuir sentido. Para Benveniste (1970, p.26), “a linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é reproduzida novamente por intermédio da linguagem”. Nesse paralelo, aquele que fala (**Eu**) é capaz de renascer por meio de seu próprio discurso e as suas experiências vivenciadas pelo ato discursivo. Dessa forma, “o exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato discursivo dupla função: para o locutor (**Eu**), representa a realidade; para o ouvinte (**Tu**), recria a realidade” (BENVENISTE, 1970, p.26).

A partir dessas relações enunciativas entre os pronomes **Eu** e **Tu**, é possível percebermos que as posições discursivas conferem o pertencimento aos sujeitos. Dentro desse processo, a linguagem transforma-se em um instrumento de comunicação intersubjetiva, ou seja, no diálogo que é construído entre os interlocutores nos atos discursivos.

No texto “*A estrutura de relações de pessoa no verbo*”, Benveniste apresenta a discussão e a distinção sobre a *pessoa* e a *não-pessoa*, em que ele faz uma forte crítica à teoria gramatical clássica por colocar em simetria a ideia de pessoa em verbos e em pronomes, como: (**Eu**) a primeira pessoa quem fala, (**Tu**) a segunda pessoa a quem se fala e (**Ele**), a terceira pessoa de quem se fala. Para o autor, esta ideia está relacionada aos conceitos advindos de uma herança da gramática grega, assim também, pela conservação desse pensamento pelas gramáticas modernas.

Em síntese da teoria enunciativa, valeria citarmos aqui as pesquisas mais recentes, como a de Soto (2007) que esquematiza a teoria de Benveniste com a seguinte figura:

Figura 1 – Representação de pronome e pessoa em Benveniste



Fonte: Soto, 2007, p.69.

A partir desse esquema demonstrativo feito por Soto (2007) é que, além de desenharmos a Teoria Benvenistiana, observamos apenas o pronome **Tu** referente à 2ª pessoa discursiva. Na Teoria da Enunciação Benvenistiana não há menção formal que faça referência ao pronome **Você** como pronome pessoal. No entanto, este estudo utiliza a teoria da enunciação proposta por Benveniste (1970 e 1989) seguindo a atualização proposta por Soto (2007, p.69) na qual o **Tu** e o **Você** materializam-se no mesmo lugar de enunciação, sendo assim, uma mesma pessoa a quem se dirige o discurso e dividem a mesma não-subjetividade descrita por Benveniste (1970 e 1989).

Nessa perspectiva, vale ressaltar ainda que esses pronomes pessoais, ou seja, as pessoas discursivas apontadas pelo autor fazem parte da dêixis⁴ da língua que materializa as nossas referências discursivas.

Nesse sentido, os elementos dêiticos existem a partir do momento em que os indivíduos começam a se comunicar com os membros da sociedade. Assim, colocando a língua em funcionamento, percebemos um indivíduo que promove um processo de interação social a partir do momento que há um **Eu** proferindo a um **Tu/Você**. Logo, ratificamos o pensamento de Benveniste (1970) que a enunciação está na língua toda, porque esta pode ser enunciada. Acreditamos que a dêixis seja a forma mais singular da enunciação por colocar a língua(gem) em funcionamento.

Essas reflexões são postas em questão nas subsecções seguintes, nas quais trazemos afunilamento da Teoria da Linguística da Enunciação Benvenistiana (1970

⁴Todo enunciado se realiza numa situação definida pelas coordenadas espaço-temporais: o sujeito refere o seu enunciado ao momento da enunciação, aos participantes na comunicação e ao lugar em que o enunciatador se produz. As referências a essa situação formam a dêixis, e os elementos linguísticos que concorrem para “situar o enunciatador. (DUBOIS et. Al, 2014, p.158)

e 1989), em que serão elencadas questões fundamentais para compreendermos como a linguagem é construída a partir da ótica enunciativa.

3.1 A Teoria da Enunciação na perspectiva de Benveniste

A Teoria da Enunciação, na visão de Benveniste (1970 e 1989), se apresenta como uma nova perspectiva da linguística que se afasta dos pressupostos saussurianos, centralizando “seu enfoque não exclusivamente na forma, mas resgata o sentido por meio de uma metodologia de análise da forma e introduz o domínio do discurso, ao considerar a língua, enquanto estrutura” (SILVA, 2014, p.65). Assim, os fenômenos linguísticos estudados na Linguística da Enunciação fazem parte da língua, no entanto, não se encerram nela, uma vez que “pertencem à fala na medida em que só nela e por ela têm existência, e questiona a existência de ambas já que emanam das duas” (FLORES, 2011, p.18). Nesse sentido, para Benveniste, a língua possui uma forma, entretanto, é no funcionamento que ela se transforma em discurso e ganha sentido.

Benveniste (1970) se define como um escritor pós-saussuriano. O autor usa, em sua obra, vários pontos abordados por Saussure, no entanto, ele discorda em diversos pontos acerca da linguagem e da própria língua descritas por Saussure (1969). Essa divergência pode ser observada na definição de língua abordada pelos dois autores.

Saussure (2006, p. 92) entende que “a língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. Logo, a visão saussuriana de língua se baseia na compreensão mútua da comunicação entre os interlocutores, sem considerar que esses podem possuir contextos, situações e vivências diferenciadas. Desse modo, a língua é considerada homogênea, não levando em consideração a fala. Para Saussure (2006), a língua é viável e não-vivente.

Ao contrário do que propõe Saussure (2006), para Benveniste (1989), a linguagem e seu estudo são processados de maneira diferenciada. Tal diferenciação está presente quando o autor concebe a língua como uma possibilidade antes da enunciação, pois após esta, “a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

Dito isso, com base nos estudos de Benveniste, a língua é concebida como instância de discurso daqueles que a utilizam, por isso, é de extrema relevância a valorização do aparelho formal da enunciação: o eu, o tu, o aqui e o agora, como condições de uso da língua. Para isso, faz-se necessário a presença de um locutor que enuncie algo a alguém, um local ou meio para que ocorra a enunciação e um contexto de situação. Assim,

[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 1989, p.84).

Nessa acepção, evidencia-se que a língua, na enunciação, é empregada para a expressão em seu sentido mais amplo, tendo a linguagem como uma forma de representação do sujeito que enuncia.

Segundo Benveniste (1989):

Dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que o signo é a unidade semiótica. Essa proposição, sublinhamo-lo, não está em Saussure, talvez porque ele a consideraria como uma evidente decorrência, e nós a formulamos aqui no início do exame que estamos fazendo; ela contém uma dupla relação que é necessário explicitar: a noção de signo enquanto unidade e a noção de signo como dependente da ordem semiótica (Benveniste, 1989, p. 224).

Desse modo, o autor conceitua signo como uma unidade dotada de sentido, considerando a significação como elemento advindo do signo. Para que seja formado, o signo necessita representar uma unidade composta de significado. Portanto, a língua é um fenômeno dinâmico que possui uso contínuo, assim, temos uma noção de língua ligada diretamente à enunciação.

Na discussão sobre essa questão, o autor salienta ainda que, o estudo da linguagem diferencia-se bastante do estudo dos fenômenos naturais, pois o estudo da linguagem possui várias situações que devem ser levadas em consideração. Benveniste (1989, p. 224-225) advoga que:

A linguagem é bem outra coisa, ela não releva do mundo físico; ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e do dissemelhante. É por isso que ela não se deixa dividir mas decompor; suas unidades são elementos de base em número limitado, cada um

diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar outras ainda, de um nível cada vez superior. Ora, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da significação. A unidade, diremos nós, será a entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. É então signo a unidade assim definida, dependente da consideração semiótica da língua.

Esse fragmento exemplifica o conceito de signo que, para Benveniste (1989), está diretamente relacionado à consideração semiótica da língua, aos vários instantes em que a língua pode ser enunciada, ligada ao seu caráter disforme e ao não divisível, mas que pode ser decomposto, visto que, cada signo linguístico pode ser decomposto em unidades menores sem perda de essência e características originais.

Benveniste coloca também a questão da arbitrariedade do signo linguístico. Para ele, a arbitrariedade está diretamente atrelada à distinção entre sentido e referência. Esta, por sua vez, está relacionada à situação de uso, independentemente do sentido, e ligada ao instante em que o signo é usado. Tal fato possibilita que se conheça o sentido original das palavras e, ainda assim, não reconhecê-lo em uma frase. Logo, o sentido se refere a algo restrito, à ideia transmitida e ao seu emprego. Sendo assim, “se o “sentido” da frase é a ideia que ela exprime, a “referência” da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou, de fato, a que ela se reporta e que nós jamais podemos prever e fixar” (BENVENISTE, 1989, p. 231).

Convém destacarmos que, para Benveniste (1989), só há signo se a língua estiver em uso. Deixando em evidência que, a presença de um significante e de um significado, tendo os dois uma inter-relação, pois “o significante não é apenas uma sequência dada de sons que a natureza falada, vocal, da língua exigiria; ele é a forma sonora que condiciona e determina o significado, o aspecto formal da entidade chamada signo” (BENVENISTE, 1989, p. 225). Assim, fica evidente que o significante é aquele que, por meio do som, desperta em nossa mente um elemento que se refere ao conceito descrito pelo significante e é equivalente ao significado.

Benveniste (1989, p. 227) afirma que o significado possui como característica principal o sentido, como fica evidente em suas ideias: “significar é ter um sentido, nada mais”. Nessas palavras, podemos perceber a valorização que é dada ao sentido, já no que se refere ao sentido de cada signo, o autor enfatiza que todo signo possui um determinado sentido devido às oposições e relações que

estabelece. Essa questão fica esclarecida com os seguintes apontamentos de Benveniste (1989, p. 227-228):

Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralinguístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue de outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa.

Vemos, assim, que as noções de significação e de distinção se relacionam. Todavia, o signo semiótico é independente das situações de uso, não havendo aplicações particulares, sendo sua função única e exclusivamente a de significar, já o signo semântico ocorre por meio da situação de discurso.

Quando tratamos do signo como semiótico, percebemos que, assim como Saussure, o autor também acredita na arbitrariedade do signo, ou seja, os nomes não se relacionam com os objetos que denominam, assim como com o contexto situacional em que estão inseridos, como podemos constatar nas seguintes colocações de Benveniste (1989, p. 228):

Em primeiro lugar, em qualquer momento, em semiótica não se ocupa da relação do signo com as coisas denotadas, nem das relações entre a língua e o mundo. Em segundo lugar, o signo tem sempre valor genérico e conceptual. Ele não admite significado particular ou ocasional, excluindo-se tudo que é individual, as situações de circunstâncias são como não acontecidas. Em terceiro lugar, as oposições semióticas são de tipo binário.

Nessa perspectiva, fica evidente que o signo não tem relação contextual enquanto elemento semiótico, sendo assim, o signo não é um elemento de fácil compreensão, uma vez que, o signo possui uma unidade semiótica e uma unidade semântica, ambas correspondem, respectivamente, ao significar e ao comunicar. Conforme Benveniste (1989, p. 229), “não conseguimos encontrar termos melhores para definir as duas modalidades fundamentais da função linguística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica”.

Essas questões ficam mais evidentes em Benveniste (1989, p. 230):

Uma primeira constatação é que o “sentido” (na acepção semântica que acabamos de caracterizar) se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma, diferentemente do semiótico que se define por uma relação de paradigma. De um lado, a substituição, de outro a conexão, tais são as operações típicas e complementares.

Sendo assim, o signo semiótico não considera as questões enunciativas, o que o difere do signo semântico, uma vez que, este considera os elementos linguísticos dentro do sintagma, ou seja, ambos elementos se conectam e fazem parte de uma determinada situação. O signo semiótico pode ser assim compreendido: “enunciemos então este princípio: tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 227).

Constatamos que o semiótico se relacionará ao sentido proposto para determinado signo, contudo, esse sentido é advindo de relações paradigmáticas, ou seja, não possui ligação contextual e sintagmática com o restante do enunciado. Esse signo possui unidades específicas para se estabelecerem os elementos, como demonstra o signo semiótico. Já o signo semântico está inserido em outros elementos e características, como podemos averiguar em Benveniste (1989, p. 229), ao tratar da semântica como elemento de grande relevância e “a língua como instrumento da descrição e do raciocínio”.

É por meio da noção semântica do signo que nos relacionamos com o mundo, a qual nos possibilita a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. A unidade semântica do signo o trata como dotado de significação. Isto porque “não se trata mais, dessa vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento” (BENVENISTE, 1989, p. 229).

No que diz respeito às diferenças entre acepções semióticas e semânticas, Benveniste (1989, p. 230) faz a seguinte afirmação:

A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra acepções particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com as frases liga-se as coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e a atitude do locutor.

Assim, constatamos que a concepção semiótica do signo tem caráter intralinguístico, sendo uma propriedade da língua. Já a semântica requer que um locutor coloque a língua em prática, para que sejam definidos como tal. Também averiguamos que, ao contrário do signo semiótico, a semântica leva em

consideração os fatores particulares, contextuais e situacionais. Já o signo semiótico é independente e se sustenta na sua significação. Sendo assim, a língua tem uma unidade semiótica que se relaciona com o signo linguístico e uma unidade semântica que está ligada à palavra. Esta, por sua vez, se caracteriza como unidade mínima da mensagem e essencial para a decodificação do pensamento.

No que se refere ao sentido relacionando-se à semântica, de acordo com Benveniste (1989, p. 231), “o sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica)”. O sentido da palavra advém de uma situação de uso, com isso um outro fator aparece, a referência, que também irá depender de seu uso para que consigamos compreender. Assim, “o sentido de uma frase consistirá na sua capacidade de ser integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional” (BENVENISTE, 1989, p. 232). Isso nos remete ao princípio da polissemia como valores instantâneos.

Benveniste (1989, p. 232) discorre sobre forma e sentido verbalizando que: “o “sentido da frase está na totalidade da ideia percebida por uma compreensão global; a forma se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras”. Quando nos referimos ao sentido das próprias palavras, esse sentido parte do contexto em que as palavras se inserem.

Nesse sentido, é por meio da forma e sentido que o homem está incluso na linguagem e “a falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente que o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (BENVENISTE, 1989, p.220). Assim, a língua pode ser compreendida como portadora de um duplo aspecto, ou seja, dialoga com a concepção estruturalista de Saussure (2006) de que é um sistema de signos.

Benveniste (1989) discorre acerca da temática de forma mais profunda, tentando “ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1989, p. 224). Nesse contexto, a concepção de signo pode ser entendida como uma unidade dependente da semiótica da língua, ou seja, a língua tem duas possibilidades de ser: na forma e no sentido, as quais, na concepção enunciativa, devem articular-se juntas em toda a extensão da língua.

Com isso, Benveniste (1989, p. 233) faz a seguinte afirmação:

Ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceituais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como

“palavras” para as noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso.

Logo, as palavras que possuem ordem semântica estão relacionadas aos signos, os quais possuem ordem semiótica. Desse modo, o conceito de signo se abrange quando os signos, que são genéricos, forem usados como palavras, para estabelecerem noções específicas em circunstâncias de discurso e, dentro dessas circunstâncias, o signo se caracteriza como palavra enunciada, possuindo um determinado sentido.

3.2 A linguística enunciativa benvenistiana e a teoria linguística da pessoa

Nos estudos clássicos, a noção de *pessoa* é relativa ao verbo e aos pronomes pessoais. Essas classes de palavras, segundo esses estudos, apresentam três pessoas – “a que fala, a com quem se fala, a de quem se fala” – simetricamente tratadas (FLORES, 2011, p.50).

Dessa forma,

[...] a diversidade das pessoas e dos números nos verbos proveio do fato de que os homens, para abreviar, quiseram juntar numa mesma palavra o sujeito da proposição à afirmação, que é própria ao verbo, pelo menos em determinadas situações. Pois, quando uma pessoa fala de si mesma, o sujeito da proposição é o pronome da primeira pessoa: *ego, moi, je* (“eu”); quando fala daquele dirige a palavra, o sujeito da proposição é o pronome da segunda pessoa: *tu, toi, vous* (“tu”, “vós”) (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p.88)

Para Benveniste (1970, p.278), “o termo pessoa é o ser que emite o enunciado, ou que é o destinatário dele, ou que é mencionado nele”. Nessa concepção, Flores (2011, p.51) enfatiza que, “com base no discurso, Benveniste opõe a primeira pessoa e a segunda à terceira – **Eu, Tu/Ele** -, pois tanto a primeira pessoa quanto a segunda estão implicadas no discurso, e a terceira não participa”. Assim,

Uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições. Para desvendá-la, poderemos partir das definições empregadas pelos gramáticos árabes. Para eles, a primeira pessoa é *al-mutakallimu*, “aquele que fala”; a segunda, *al-mubütäbu*, “aquele a quem nos dirigimos”; mas a terceira é *al-yä'ibu*, “aquele que está ausente”. Nessas denominações, encontra-se implícita uma noção justa das relações

entre as pessoas; justa sobretudo por revelar a disparidade entre a terceira pessoa e as duas primeiras (BENVENISTE, 1970, p.250).

O autor enfatiza que os pronomes **“Eu”** e **“Tu”** constituem a noção de pessoa porque estão atrelados diretamente ao processo discursivo, o que não ocorre efetivamente com o pronome **“Ele”**, sendo este chamado de *não pessoa*⁵. Dessa maneira, “a posição do enunciador é ponto de origem das coordenadas enunciativas, o marco de referência” (MAINGUENEAU, 2010, p.201).

Sobre a concepção de *não pessoa*, Benveniste (1970, p.282) assevera que:

A “terceira pessoa” representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância, podendo sempre esse não importa quem ou não importa o que ser munido de uma referência objetiva. Assim, na classe formal dos pronomes, os chamados de “terceira pessoa” são inteiramente diferentes de eu e tu, pela sua função e pela sua natureza. Como já se viu há muito tempo, as formas como ele, o, etc. só servem na qualidade de substitutos abreviativos: “Pierre est malade; il a la fièvre [= Pedro está doente; ele está com febre]”; substituem um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles.

Diante do exposto, no texto **“a natureza dos pronomes”**, Benveniste (1970) destaca que “o **Ele** pertence ao nível sintático, já que tem por função combinar-se com uma referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que a contém” (BENVENISTE *apud* FLORES; TEIXEIRA, 2017, p.39). Assim, tem apenas diferença de natureza e de função, considerando que as propriedades da *não pessoa* são:

[...] 1º de se combinar com qualquer referência de objeto; 2º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como aqui, agora, etc. (FLORES; TEIXEIRA, 2017, p.39)

Nesse momento, Benveniste (1970) separa os signos linguísticos que pertencem à sintaxe da língua daqueles que estão relacionados à instância do discurso (**Eu – Tu/Você**). Em relação a esses últimos, só possuem existência

⁵ A *não pessoa* é noção apresentada a partir do estudo da pessoa verbal e do pronome. Ao tratar a pessoa verbal, Benveniste descreve a terceira pessoa – *ele* – como a que se caracteriza por: a) poder ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum; b) não designar especificamente nada nem ninguém; c) ser a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente (FLORES, 2011, p.60).

linguística apenas, no momento em que são usados. Assim, no capítulo “*Da subjetividade na linguagem*”, Benveniste (1970, p.286) destaca que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser”. Nesse caminho, a subjetividade pode ser entendida como:

A capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência (BENVENISTE, 1970, p.286).

Assim, a consciência de si mesmo só acontece quando é possível ser experimentada pelo contraste, ou seja, só empregamos “**Eu**” para nos dirigirmos a alguém, que será a nossa locução **Tu/Você**. Desse modo, tal diálogo pode ser estabelecido por meio da *pessoa*, porque há uma implicância de reciprocidade. Logo, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como **Eu** no seu discurso” (BENVENISTE, 1970, p.286). Além disso, é na instância discursiva que o **Eu** designa o locutor, este sendo caracterizado como *sujeito*. Portanto, o principal fundamento da *subjetividade* está, conforme Benveniste (1970), no exercício da língua.

No capítulo “*A linguagem e a experiência humana*”, Benveniste (1989, p.69) assegura “que desde que o pronome **Eu** aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome **Tu** para se opor conjuntamente a **Ele**, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico”. Esses pronomes existem e são registrados nas gramáticas, visualizados como os outros signos linguísticos, no entanto, quando “alguém os assume, o pronome **Eu**, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa” (BENVENISTE, 1989, p.69). Diante desse contexto,

Uma dialética singular é a mola desta subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. Mas, fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente do discurso (BENVENISTE, 1989, p.69)

Nessa perspectiva, é necessário destacar a importância dos pronomes pessoais na construção dos sentidos e do discurso, pois eles, na ótica de Benveniste (1970), são responsáveis por produzirem um problema de linguagem. Isto porque, de acordo com Flores (2011), os pronomes pessoais estão no centro das reflexões no que tange ao processo discursivo, uma vez que faz refletir de que é natural da linguagem possuir indivíduos que colocam a língua em funcionamento e nos permite entender que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro”(BENVENISTE, 1995, p. 285). Assim, no mundo da linguagem, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1995, p. 285).

Sobre as abordagens iniciais da enunciação, é necessário considerá-la como um processo que vem se desenvolvendo historicamente, em que pode ser considerada “herdeira, numa ordem decrescente de importância, da Retórica, da Gramática e, mesmo que em pequena parcela, da Lógica” (FLORES, 2011, p.13).

Sobre a Retórica, Flores (2011) salienta que ela se sustenta, enquanto princípio, na perspectiva daquilo que chamamos hoje o processo de enunciação, porque ela apresenta três partes: a elocução, provas e disposição, colocando-se a esta diferença: aquele que fala (**Eu**), a quem se fala (**Tu/Você**) e sobre o que/quem se fala (**Ele/Ela**).

Logo, devemos considerar a enunciação “como o locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação” (BENVENISTE, 1989, p.82). Nesse sentido,

Sustentar, portanto, que o campo da enunciação esteja integralmente contido na ideia de “Linguística da Fala” ou na de “Linguística Externa”, tangencialmente formuladas por Saussure, é relativamente difícil. Há na fala, tal como é apresentada no *Curso*, um componente de irregularidades, às vezes nomeado “individual”, que não se coaduna com a enunciação. Quando o *Curso* considera que “a língua é [...] a linguagem menos a fala”, tendo antes considerado que “a linguagem tem um lado individual e um lado social” e dito que “a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente”, isso o afasta de uma perspectiva propriamente enunciativa. (FLORES, 2011, p.17)

Nesse sentido, a Linguística Enunciativa não está assentada em estudar as irregularidades nem o seu objeto está circunscrito em alguma coisa que possa ser

considerada como individual. A Linguística Enunciativa “fala em *aparelho formal da enunciação*, isto é, um dispositivo que as línguas têm que é disponibilizado pela estrutura mesma da língua para a atualização que o sujeito faz do sistema no uso” (FLORES, 2011, p.17).

Diante do exposto, a concepção desse aparelho formal da enunciação inclui tanto a língua quanto a fala, e, não há um esgotamento nelas, uma vez que tal aparelho pertence simultaneamente às duas. Logo, “a enunciação é um estudo que prevê que estrutura e sujeito não são disjuntos, mas que estão imbricados e implicados” (FLORES, 2011, p.17).

Para Benveniste (1989), o ato individual da língua é feito em primeiro lugar pelo locutor como parâmetro nas condições primárias da enunciação, ou seja, antes do ato enunciação; a língua é apenas a própria língua, nada mais que uma estrutura linguística. Nesse contexto, depois da enunciação, “a língua é efetuada em uma instância, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p.83-84).

Ademais, a partir do instante que o locutor assume a língua, ele implica o receptor diante de si. Assim, “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p.84). Sendo assim,

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 1989, p.84)

Com base nesse pensamento, tal descrição, ainda abstrata, reflete um fenômeno linguístico bastante familiar, pois é, neste momento, que a teoria da enunciação ganha suas primeiras características. Por exemplo, é importante destacar que “é primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação **Eu-Tu**) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo **Eu** denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo **Tu**, indivíduo alocutário” (BENVENISTE, 1989, p.84). Nessa direção, podemos conceber a enunciação como um ato que serve como objetivo de unir o locutor ao locutário “por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. A linguagem, nesta função, manifesta-se-nos,

não como um instrumento de reflexão, mas como modo de ação” (BENVENISTE, 1989, p.90).

Cabe ressaltar que os pronomes pessoais, com destaque para o **Eu – Tu/Você**, surgem não mais como classes de palavras, porém como representações de indivíduos linguísticos que estão diretamente ligados “a pessoas, a momentos, a lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos” (BENVENISTE, 1989, p.1989, p.85). Nesse sentido,

O estatuto destes “indivíduos linguísticos” se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, “semel-natif”⁶. Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo (BENVENISTE, 1989, p.85).

A fala, em *o aparelho formal da enunciação*, é um mecanismo que as línguas possuem em relação a como o sujeito faz uso desse sistema linguístico. Logo, a concepção de aparelho formal da enunciação inclui tanto a língua quanto a fala, uma vez que “os fenômenos estudados nas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela, pertencem à fala na medida em que só nela e por ela tem existência” (FLORES, 2011, p.18). Dessa forma, podemos caracterizar a enunciação “como este colocar em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p.82).

Em relação à estrutura, temos as regras que estruturam a língua sintaticamente, ou seja, nela, temos um objeto estruturado e é a partir dessas estruturas que nasce a enunciação.

Assim, tratarmos da Linguística Enunciativa é preciso também discorrer sobre estrutura, pois os estudiosos desse campo consideram a estrutura linguística no desenvolvimento dos seus trabalhos.

No entanto, a partir dos estudos enunciativos, o conceito de “estrutura” começou a ser percebido de uma outra forma, pois no contexto teórico da enunciação, a “estrutura comporta um sujeito que enuncia, portanto, deixa de ser sinônima de repetição” (FLORES, 2011, p.21).

⁶Para Benveniste (1989), tal termo designa os engendramentos de algo novo a cada vez que a enunciação é proferida.

Para Fiorin (2016), não se pode afirmar que o sujeito seja objeto de estudo de uma teoria linguística; nem mesmo da enunciação, pois o que podemos observar o que é considerado “é a representação que a enunciação dá do sujeito na língua, ao menos nas duas teorias até aqui lembradas, as marcas da enunciação e do sujeito no enunciado, e não o sujeito propriamente dito” (FLORES, 2011, p.26). Isto pode ser confirmado no pensamento de Fuchs (1985, p.77):

Sabemos que a hipótese de base de toda teoria enunciativa é a inscrição do sujeito no próprio âmago do sistema linguístico, manifestada em particular pela existência de certas categorias gramaticais específicas, que marcam a relação do sujeito com seu próprio enunciado (pessoas, modalidades, temporalidade, dêixis...)

Assim, tudo indica que a Linguística não possui mecanismos suficientes para abordar necessariamente o sujeito em si, mas entender o sujeito como um elemento que transcende os quadros teóricos e estruturais da linguística, “pois a Linguística não comporta o estudo do sujeito como uma entidade, mas estudar as marcas da enunciação do sujeito no enunciado” (FIORIN, 2016, p.27).

Nessa direção, convém estabelecermos a diferença entre estes dois termos: Enunciado e Enunciação. Esta pode ser compreendida como o processo, enquanto o primeiro caracteriza-se como produto do ato discursivo. De acordo com Benveniste (1989, p. 87), “o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo”. Isso determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, o do diálogo, que tem obrigatoriamente um **Eu** e um **Tu/Você**. Logo,

O processo somente pode ser analisado a partir das marcas que deixa no produto. Em outras palavras, a enunciação – ou melhor dizendo, a estrutura enunciativa – é uma instância pressuposta que está na origem de todo e qualquer enunciado. Ela não é um observável em si, ela é, por natureza, efêmera. O observável são as marcas da enunciação no enunciado. (FLORES, 2011, p.36)

Portanto, podemos entender a enunciação como um acontecimento que não se pode repetir, pois as condições de tempo, pessoa e espaço são irrepetíveis. Dessa forma, a Linguística da Enunciação é colocar a língua em funcionamento por meio de um ato individual de uso, como enfatiza Fiorin (2016, p. 26): “a enunciação será para nós a atividade languageira exercida por aquele que fala no momento em

que se fala”. Assim, a enunciação pode ser caracterizada como um produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor.

3.3 Os pronomes pessoais e os vazios semânticos

Existem signos, de acordo com Flores (2011), que possibilitam o uso da língua, pois a função deles é a de fornecer um mecanismo de conversação, o que podemos chamar a conversação da linguagem nos processos discursivos. Os pronomes pessoais são considerados “vazios de conteúdo semântico”, porque têm significação situacional, determinada pelo contexto de uso (FLORES; TEIXEIRA, 2017).

Dessa forma, os pronomes pessoais, “ao serem atualizados, tornam-se “plenos”, e assim se caracterizam porque, ao serem empregados em uma situação de uso da língua, passam a atribuir referência” (FLORES, 2011, p.62). O autor ainda aponta o seguinte:

Por esta consideração a *signos vazios*, compreende-se que *eu*, fora de uma situação de emprego, não indique ninguém. E o fato de não haver esta indicação é garantida de unicidade e de reversibilidade: *eu*, sendo empregado, diz respeito àquele que o emprega e a nenhum outro; no momento em que é utilizado por aquele a quem há pouco a palavra se dirigia, promove uma inversão: o que se dizia *eu*, agora é *tu*; o que era posto como *tu*, agora é *eu* (FLORES, 2011, p.62).

Assim, em relação ao pensamento do autor acerca da ideia de o pronome possuir um vazio no conteúdo semântico, podemos afirmar que a significação está vinculada à situação de uso desses termos. Essa concepção de signos vazios que é plenificada na enunciação coloca em destaque as noções de **pessoa** e **não pessoa**, conforme ilustrado na figura 1.

É importante observarmos, mesmo não sendo pontuado pelo autor, a distinção entre os pronomes “eu/nós” e “tu/vós” em relação a “ele/ela”, em que estes admitem variação morfológica de número e gênero, já o pronome “nós” não apresenta marca de gênero e possui um plural que, dependendo do contexto de uso, não significa que represente vários “eus”, porém insere o “eu” com o(s) interlocutor(es) ou com outros membros exterior ao processo de interlocução (“eles/elas”). Assim,

Está claro, de fato, que a unicidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma junção entre o “eu” e o “nãoeu”, seja qual for o conteúdo desse “não-eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há nós a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não-eu” pela sua qualidade transcendente. A presença de “eu” é constitutiva de “nós” (BENVENISTE, 1995, p.256).

Dessa forma, esses pronomes representam uma rede de relações discursivas e possuem sentido completo, a partir do seu contexto de uso. Além disso, não podemos descartar os aspectos semânticos que existem em suas classificações que estão relacionadas à realidade do discurso, porque, de acordo com Flores e Teixeira (2017), os pronomes podem ser “vazios de conteúdo semântico” por possuírem significado subordinado à situação de fala e uso da língua.

Benveniste (1995, p.280) faz a seguinte afirmação sobre as formas pronominais:

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetem à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, **mas à enunciação**, cada vez única que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego. A importância da sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de **signos “vazios”**, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam **“plenos”** assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso (BENVENISTE, 1995, p.280).

Assim, ratificamos as ideias do autor a respeito das formas pronominais e, com base nessas concepções, acreditamos que os pronomes **“Eu”** e **“Tu/Você”** representam signos vazios quando não estão atrelados ao processo discursivo, ou seja, quando o emissor faz uso ou apropria-se da língua. Outra questão que deve ser considerada sobre a alternância de sujeito, em que o **“Tu/Você”** pode assumir a função do **“Eu”**. Dessa forma, a comunicação intersubjetiva acontece por meio de um processo enunciativo, porque seus membros existem à proporção que o discurso é realizado de forma única e individual.

Dessa forma, a teoria aqui tratada toma como ponto de partida a existência e o reconhecimento apenas do pronome **TU** no processo discursivo. No entanto, dado o capítulo 2 de contextualização em que narramos o percurso de reconhecimento do pronome **VOCÊ** como 2ª pessoa discursiva, desde o processo que se deu a inserção/ aceitação do *Você* em substituição ao pronome de tratamento *Vossa*

Mercê, entre outras formas, percebemos que há ainda a necessidade de concebermos estudos que deem ênfase ao *Tu* e ao *Você* como as mesmas pessoas discursivas da Teoria da Enunciação.

4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho busca responder a esta questão norteadora: De que forma ocorre o uso dos pronomes ***Tu*** e ***Você*** em enunciados escritos por ludovicenses no *WhatsApp*? Dessa forma, partimos do viés fenomenológico, cujo discurso “não deve omitir nenhum dos aspectos que realmente integram a estrutura significativa do fenômeno” (REZENDE, 1990, p.20-21). Antes disso, neste capítulo, procuramos situar o fenômeno abordado, descrevendo a Região de Inquérito desta pesquisa.

4.1 O *WhatsApp* como região de inquérito da pesquisa

O *WhatsApp*⁷ é um aplicativo disponível para celulares *Smartphones Android*, *Windows Phone*, computador, dentre outras novidades tecnológicas. É usado, preferencialmente, para enviar e receber mensagens, “desde que esteja conectado à internet” (WWW.WHATSAPP.COM, 2021). Além disso, é necessário que os contatos do *WhatsApp* estejam salvos na agenda telefônica do usuário, para que haja a interação.

Atualmente, mais de 2 (dois) bilhões de pessoas têm acesso ao *WhatsApp* em mais de 180 (cento e oitenta) países. Esse aplicativo foi desenvolvido por Jan e Brian, estes que contribuíram profissionalmente por quase 20 (vinte) anos no Yahoo⁸. No ano de 2014, o *WhatsApp* juntou-se ao *Facebook*, “porém continua operando como um aplicativo independente e com o foco direcionado em construir um serviço de mensagens que seja rápido e que funcione em qualquer lugar do mundo.”⁹ Assim,

⁷O nome do aplicativo pode ser entendido como um trocadilho com a expressão inglesa “what’sup?”, que significa “O que há de novo?” “O que se passa?”.

⁸SOBRE O WHATSAPP. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>. Acesso em: 07 mai. 2021.

⁹SOBRE O WHATSAPP. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>. Acesso em: 07 mai. 2021.

O *WhatsApp* surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS e agora possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização, além de chamadas de voz. Alguns de seus momentos mais importantes são compartilhados no *WhatsApp*. Por essa razão, implementamos a criptografia de ponta a ponta no nosso aplicativo. Por trás de cada decisão está o nosso desejo de possibilitar que as pessoas se comuniquem sem barreiras, em qualquer lugar do mundo.(WWW.WHATSAPP.COM)

Desse modo, em meio a tantas tecnologias, o *WhatsApp* obteve uma crescente utilização, viabilizando a troca de mensagens, ou seja, conversas faladas ou escritas entre duas ou mais pessoas, dependendo do interlocutor, pode ter várias finalidades comunicativas e sociais. Esse aplicativo é representado por um signo icônico, conforme a Figura 1, e pode ser baixado em qualquer aparelho celular de forma gratuita, ou pode também ser utilizado pelo próprio site do WhatsApp web em computadores ou tablets.

Figura 2 – Ícone do WhatsApp



Fonte: www.whatsapp.com

Costa e Lopes (2015, p. 48) afirmam que o *WhatsApp* pode “proporcionar aos seus usuários, de maneira individual ou por meio de grupos, diversos recursos multimidiáticos e textuais”. Dentre esses recursos, podemos citar as mensagens escritas, os vídeos e os áudios.

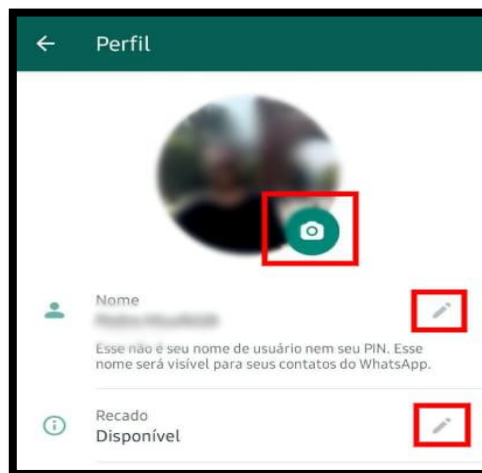
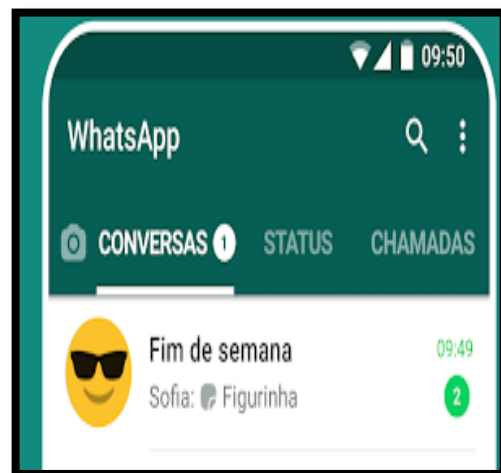
Nesse sentido, Souza (2015, p. 27) desenvolveu um quadro, demonstrando os recursos, as características e o tipo de interação do “*WhatsApp*”. Esse quadro está representado a seguir, com adaptações.

QUADRO 2 – Recursos, Características e Interação do “WhatsApp”.

APLICATIVO WHATSAPP		
RECURSOS	CARACTERÍSTICAS	INTERAÇÃO
Mensagem de texto	O aplicativo possui estrutura multimidiática. As mensagens de texto são geralmente curtas, podendo ser inseridas pelo participante através da digitação própria ou colagem.	SÍNCRONA E ASSÍNCRONA
Mensagem de voz	É possível gravar mensagens de voz e publicá-la no ambiente virtual de interação. Além disso, gravações de áudios no formato <i>podcasting</i> também podem ser inseridas nas conversas, possibilitando uma interação multimodal.	
Imagem	O participante da interação comunicativa pode publicar fotos em diversos formatos (jpg.,png. etc.), além de imagens contendo linguagem verbal e não verbal, como por exemplo, memes, <i>gifs</i> , tiras de quadrinhos etc.	
Vídeo	O usuário pode compartilhar vídeos com os diversos usuários de sua lista de contatos no <i>WhatsApp</i> . Estes costumam ter curta duração.	

Fonte: Adaptado de Souza (2015, p. 27).

Na figura 4, temos a exemplificação do cadastro de um perfil de usuário com informações da conta, definições das formas de conversas, formas de notificação, lista de contatos. O aplicativo ainda emite um alerta sonoro que informa quando chega mensagem. Esse alerta pode ser personalizado, com uma marcação na caixa de entrada destacado na cor verde, conforme Figura 4:

Figura 3 – Perfil do usuário**Figura 4 – Mensagem de recebimento**

Fonte: www.whatsapp.com

O aplicativo utiliza formato de mensagens de textos simples exemplificadas e quando enviada, também, notifica ao emissor do recebimento da mensagem ou arquivo. A mídia social também organiza as mensagens recebidas e enviadas por data e hora, oferecendo a opção de carregamento de informações anteriores, conforme Figura 5. Podemos encontrar no *WhatsApp*, também, emoticons e

desenhos que podem ser usados como recursos visuais ao longo das conversas (Figura 6).

Figura 5 – Tela de Mensagens de texto



Figura 6 – Recursos Visuais



Fonte: www.whatsapp.com

Além de mensagens simples, a ferramenta comunicativa também nos permite a troca de arquivos, fotos, localizações, conforme Figura 6. Também disponibiliza ao usuário variados formatos de arquivos, como é o caso de mensagens de voz (Figura 8).

Figura 7 – Opções de arquivos

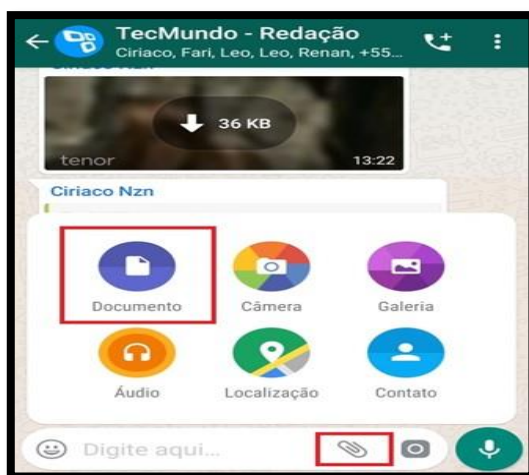
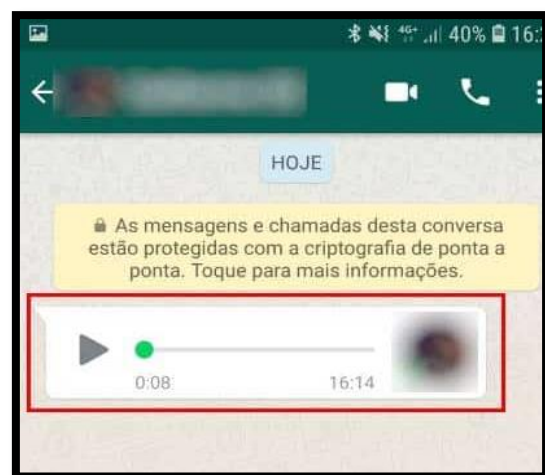


Figura 8 – Mensagem de voz



Fonte: www.whatsapp.com

Dentro do aplicativo, podemos criar os mais variados tipos de grupos para realizar conversas e trocar informações, fotos e outros recursos visuais, como sinaliza a Figura 9:

Figura 9 – Grupos



Fonte: whatsapp.com

Por causa da popularização desse instrumento de comunicação e pelos vários recursos que ele oferece, escolhemos o *WhatsApp* como Região de Inquérito para interrogarmos nosso fenômeno de investigação. Acreditamos que esse espaço de escrita on-line seja propício para desenvolver nossa pesquisa.

4.2 O método fenomenológico

Ao definirmos nosso objeto de estudo, cujo título é: **EU USO TU, E VOCÊ? UM ESTUDO SOBRE O USO DO PRONOME NA ESCRITA DIGITAL DE LUDOVICENSES**, nos preocupamos com a metodologia a ser utilizada para que o nosso objetivo fosse alcançado. Isto porque o método é definido “como um caminho em direção do conhecimento ou como uma forma de procedimento segundo a qual realizam-se processos de pensamento e de ação” (FERRATER, 1975,p.905).

Nesse contexto, esta pesquisa é qualitativa, de base fenomenológica. O motivo da escolha justifica-se devido ao fato de o método fenomenológico

possibilitar ao pesquisador “orientar-se pelas coisas mesmas, isto é, voltar dos discursos e opiniões às coisas mesmas, interrogá-las na doação originária de si e pôr de lado todos os preconceitos estranhos a elas”(HUSSERL, 2006,p.61).

Gil (2014, p.14), referindo-se à Fenomenologia como método de pesquisa, faz a seguinte afirmação:

O método fenomenológico, tal como foi apresentado por Edmund Husserl (1859-1938), propõe-se a estabelecer uma base segura, liberta de proposições, para todas as ciências. Para Husserl, as certezas positivas que permeiam o discurso das ciências empíricas são “ingênuas”. A suprema fonte de todas as afirmativas racionais é a “consciência doadora originária”. Daí a primeira e fundamental regra do método fenomenológico: “avançar para as próprias coisas”. Por coisa entende-se simplesmente o dado, o fenômeno, aquilo que é visto diante da consciência. A fenomenologia não se preocupa, pois, com algo desconhecido que se encontre atrás do fenômeno; só visa ao dado, sem querer decidir se este dado é uma realidade ou uma aparência: haja o que houver, a coisa está aí.

Dessa forma, nos estudos realizados com base no enfoque fenomenológico, o pesquisador tem a preocupação em esclarecer os dados que lhe foram apresentados, “[...] não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos [...] o objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2014, p.14).

Portanto, a pesquisa fenomenológica nasce do cotidiano, da compreensão da visão de mundo dos indivíduos como “uma investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados pela consciência, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos” (MARTINS, 1992, p. 50). Nesse tipo de abordagem, o pesquisador é um atribuidor de significados, ao “ir à coisa mesma” (HUSSERL, 1989) e interrogar o próprio fenômeno de investigação. Assim, pesquisar em Fenomenologia significa, segundo Martins (1992, p. 24), “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez...”. Nesse sentido, este trabalho está sendo construído a partir desta questão norteadora: De que forma ocorre o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em **enunciados escritos** de ludovicenses no *WhatsApp*?

O termo fenomenologia é constituído por dois radicais gregos: *phainomenon* (fenômeno) e *logos* (discurso). É o *logos* enquanto discurso que permite algo ser visto, a partir de seu próprio ser (SANTOS, 1997). O responsável por introduzir a Fenomenologia no meio científico e filosófico, como método de apreensão do real, foi o alemão Edmund Husserl (1989), que “propõe um caminho que ultrapasse as aparências imediatas das coisas e alcance os fenômenos, a essência das coisas na sua manifestação”. (CHIZOTTI, 1995, p.14-15).

Vale destacar que outros estudiosos também propagam a Fenomenologia como método de apreensão da realidade, dentre eles, destacamos: “Heidegger (Hermenêutica Fenomenológica), Ricoeur (Fenomenologia Hermenêutica), Merleau-Ponty (Fenomenologia da Expressão) e Gadamer (Hermenêutica Filosófica)” (SANTOS, 2006, p.162).

Nesse viés, para que seja possível a compreensão do raciocínio fenomenológico, faz-se essencial um estudo aprofundado da trajetória fenomenológica (CRITELLI, 2006). Isso porque “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 1989, p.22).

Ao concebermos a fenomenologia como método, constatamos a necessidade de sermos abertos tanto em mentalidade quanto em atitudes, sem termos um “pré-conceito” dos fenômenos com os quais nos deparamos, estando ciente de que “é necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos” (CHIZOTTI, 1995, p.80).

Ressaltamos que, de acordo com Santos (2006, p.161), “a escolha do método deve ser defendida tanto pela natureza da pesquisa que pretendemos realizar, quanto pelas possibilidades de conhecimento do fenômeno que estamos investigando.” Portanto, é importante que, durante a realização da pesquisa, busquemos “uma aproximação e compreensão do individual, com o estabelecimento da intersubjetividade apreendida na convergência entre diferentes possibilidades com que as questões humanas se apresentam” (SANTOS, 2006, p.161).

É importante destacar que a não preocupação com a “quantitatividade”, não isenta o caráter epistemológico da Fenomenologia, quando propicia o ir às coisas mesmas (HUSSERL, 2006). Isto porque, na concepção de Follari (2012, p.73), a

“pretensão com as técnicas qualitativas é a de que apreenda o sentido [...]. E, precisamente por isso, estamos diante de uma ênfase diferente e de resultados de outra ordem de eficácia distintos dos da pesquisa quantitativa”.

Na trajetória fenomenológica, o pesquisador vivencia três momentos, são eles: a descrição, a redução fenomenológica ou epoché e a compreensão/interpretação. Tais momentos, de acordo com os estudos de Merleau-Ponty (1990), significam um avanço à proposta de Husserl (2006).

A **descrição fenomenológica** diz respeito ao instante em que o pesquisador volta sua consciência para o fenômeno da investigação. Na descrição, três elementos são de fundamental importância: a **percepção**, essencial ao processo reflexivo; a **consciência**, direcionada ao mundo-vida, ou consciência do corpo próprio (corpo vivido), o qual nos possibilita a descoberta da subjetividade e a intersubjetividade; o **sujeito** que, por consciência própria, se torna apto a sentir por experiência o corpo-vivido.

O segundo momento da trajetória é a **redução fenomenológica**, também conhecida como epoché, cuja função é realizar a seleção das partes da descrição ditas fundamentais para o estudo do fenômeno, separando assim “o objeto da consciência as coisas, as pessoas, as emoções ou outros aspectos que constituem a experiência que estamos tendo” (MARTINS, 1992, p.60).

Segundo Paisana (1992), é no segundo momento que o investigador faz os movimentos de afastamento e aproximação relacionados ao fenômeno em estudo, por meio da *variação imaginativa*, técnica a qual se baseia na reflexão que realizamos como pesquisador acerca das partes da experiência que para nós parecem ter significados cognitivos e efetivos. Essas partes são chamadas de Unidades de Significado, entendidas como

[...] discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude [...] e a certeza de que o texto é um exemplo de fenômeno pesquisado. As unidades de significado não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (MARTINS; BICUDO, 2003, p.99).

No momento da redução fenomenológica, procuraremos retirar das Descrições dos sujeitos as partes consideradas essenciais para nós, num investigar cuidadoso, considerando que o fenômeno se manifesta paulatinamente, com o pesquisador sempre interrogando e procurando ver além das aparências.

O terceiro momento do percurso fenomenológico se refere à **compreensão/interpretação**. É o momento em que o pesquisador realiza a especificação do significado, fazendo uso das unidades significativas retiradas dos enunciados escritos dos sujeitos da pesquisa e concretizando um movimento de busca do sentido proveniente da redução fenomenológica, revelando, em termos de possibilidades, os aspectos convergentes, divergentes e idiossincráticos que permeiam as Unidades de Significado retiradas das Descrições.

Esse momento nos permitirá interpretar as convergências e as idiossincrasias reveladas a partir da confluência das Unidades de Significado que darão origem às *categorias abertas* ou às *categorias de análise*, entendidas como “possibilidades abertas, possíveis de circunscrever a situacionalidade do fenômeno, sem, no entanto, impedir sua transcendência” (SANTOS, 1997, p.45).

Diante desse contexto, para que possamos alcançar o significado, é necessário compreendermos que “as coisas não são simples coisas, mas objetivação de modos de ser”(CRITELLI, 2006,p. 120).

Desse modo, é essa a trajetória metodológica que percorremos, para o desvelamento do fenômeno de nossa investigação: **EU USO TU, E VOCÊ? UM ESTUDO SOBRE O USO DO PRONOME NA ESCRITA DIGITAL DE LUDOVICENSES.**

4.3 Os procedimentos metodológicos da pesquisa

No tópico anterior, nos propusemos a descrever o percurso metodológico que será adotado para analisar o nosso objeto de investigação. Procuramos situá-lo em uma região de inquérito, a qual foi descrita no item 4.1. Foi dessa região de inquérito que coletamos os dados da pesquisa. Adotamos como princípio de coleta desses dados a construção do *corpus*, baseado em Barthes (1971, p.104) que considera “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme arbitrariedade (inevitável) em torno do qual ele vai trabalhar”.

Para a construção do *corpus*, retomamos à questão norteadora da pesquisa: De que forma ocorre o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos no *WhatsApp*?

A seguir, realizamos um teste de sondagem com membros de outros grupos de *WhatsApp* de que participamos. O teste continha as seguintes questões:

1. Você tem interesse de participar de uma pesquisa sobre o uso de pronomes em textos produzidos no *WhatsApp*?
2. Para que você possa contribuir com a pesquisa, é preciso que tenha idade entre 15 a 60 anos e ter nascido em São Luís. Você se insere nesse critério?

Os participantes que responderam SIM para cada uma das questões referidas foram selecionados e passaram a fazer parte de 2 (dois) novos grupos: os que tinham idade entre 15 e 29 anos formaram o Grupo 1, identificado como MARANHÊS 1; os que tinham idade entre 45 a 60 anos passaram a formar o Grupo 2, identificado como MARANHÊS 2. Os que não se enquadraram em nenhum grupo foram dispensados.

Formados os grupos, realizamos uma nova seleção, a partir dos seguintes critérios:

1. Não ter se afastado de São Luís por mais de 1/3 de sua vida;
3. Não desempenhar atividade profissional que requeira seu afastamento da cidade;
4. Estar cursando ou ter concluído o Ensino Médio.

Após a definição do perfil dos interagentes, estabelecemos algumas regras para os grupos, como: a restrição de postagem de vídeos, mensagens prontas em datas comemorativas, correntes de oração e imagens que fugissem ao escopo da pesquisa. Também informamos aos grupos que as conversas diárias abordando questões do cotidiano comporiam os dados da pesquisa. Iniciamos o processo de diálogo nos grupos, com as postagens tendo início em dezembro de 2019 e finalizadas em agosto de 2020.

No grupo Maranhês1, as nossas postagens foram direcionadas ao universo da escola, uma vez que muitos ainda cursavam o Ensino Médio ou tinham concluído há pouco tempo. Em relação ao grupo Maranhês 2, idades entre 45 a 60 anos, como já tinham concluído o Ensino Médio, propusemos temas que estavam em destaque na época.

Durante o período de ativação dos grupos, publicamos 10 (dez) temas diversos em cada grupo. Com o intuito de identificar o nosso objeto de estudo, os pronomes **Tu** e **Você**, pedimos aos participantes dos grupos que interagissem de forma direcionada ao colega, ou seja, os interagentes discutiam entre si, cada um perguntava ao outro o seu posicionamento sobre o assunto abordado.

Destacamos que cada grupo era composto por 10 (dez) interagentes, sendo que, no Grupo Maranhês 1, apenas 6 (seis) membros se manifestavam, já no grupo

Maranhês 2, apenas 5 (cinco) interagentes participaram do processo de interação. Ao longo da ativação dos dois grupos no WhatsApp, obtivemos um total de 70 mensagens de texto, estas foram capturadas por meio de *Print Screens*, como forma de garantir a legitimidade dos textos. Os *prints* capturados foram armazenados em arquivo de computador e organizados conforme as interações de cada grupo: Maranhês1 (15 a 29 anos) e Maranhês 2 (45 a 60 anos). Esses *prints* constituem nosso corpus de pesquisa, a partir do qual coletamos os dados para análise de nosso objeto de investigação. Procuramos compreender o uso desses pronomes em enunciados produzidos no WhatsApp, acreditando que

Compreender é compreender-se diante do texto. Não impor ao texto a sua própria capacidade finita de compreender, mas expor-se ao texto e receber dele um si mais vasto que seria a proposta da existência, respondendo da maneira mais apropriada à proposta do mundo. (RICOEUR, 1991, p.124).

A seguir, apresentamos, por grupo, apenas as temáticas que resultaram nas interações selecionadas para análise de nosso objeto de investigação:

Grupo MARANHÊS 1(15 a 29 anos):

Temática 1: DIÁRIO DE UM ESTUDANTE DE ENSINO MÉDIO

Como grande parte dos membros do Grupo MARANHÊS 1 ainda estava cursando o Ensino Médio ou já tinha concluído há pouco tempo, pensamos que fosse interessante que eles relatassem o dia a dia na escola e as lembranças que tinham desse período no ambiente escolar. Para que essa proposta despertasse mais interesse aos membros do grupo, disponibilizamos o endereço eletrônico do Blog “*Diário de bordo*” da *Terceira Série do Ensino Médio: Isabela Pessoa*, que está disponível no site da escola “*Nossa Senhora das Dores*”. Lembramos que foram coletados os diálogos realizados entre os membros do grupo que faziam referência ao assunto proposto.

Temática 2: TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: COMO GARANTIR MAIS MOTIVAÇÃO EM SALA DE AULA

Sobre esta temática, iniciamos com este questionamento: Como a tecnologia está sendo utilizada nas aulas e qual sua importância para a promoção de um ensino mais dinâmico? Em seguida, para que os interagentes do grupo tivessem mais contato com a temática, indicamos uma matéria sobre “A Tecnologia na Sala de Aula”, disponível no site Brasil Escola.

Grupo MARANHÊS 2 (45 a 60 anos):

Temática 1: O MERCADO DE TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Neste tema, iniciamos com este questionamento: Quais as reais possibilidades de conseguir um emprego ou passar em um concurso em tempos de pandemia? Depois do questionamento, informamos a reportagem: “*Pandemia no Brasil: quais os efeitos no mercado de trabalho?*”, disponível no site Unileão Centro Universitário.

Temática 2: AS AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em relação a este tema, fizemos a seguinte interrogação: Quais os pontos positivos e negativos das aulas remotas? Para que os interagentes tivessem mais familiaridade com a temática proposta, disponibilizamos uma reportagem que tratava acerca das “*Aulas Remotas em Tempos de Pandemia*”, disponível no site do Brasil Escola. Destacamos que este tema foi proposto porque os interagentes do grupo, de alguma forma, ainda tinham contato com a escola, uma vez que estavam matriculados em cursos, como: curso técnico profissional, curso de atualização profissional ou pré-vestibular.

5 O USO DOS PRONOMES TU E VOCÊ NO WHATSAPP: uma abordagem fenomenológica

Neste capítulo, buscamos desvelar o fenômeno que está sendo investigado. Para isso, retomamos nossa questão norteadora: “De que forma ocorre o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos no *WhatsApp*?”, visando desvelar os sentidos que permeiam as Descrições dos sujeitos da pesquisa. Procuramos compreendê-los como resultado de uma experiência vivida revelada por meio da linguagem incrustada no mundo do texto, considerando que, segundo Ricoeur (1996, p.28), “[...] A experiência, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública”.

5.1 Tratamento dos dados

Nesta etapa, o pesquisador deve estar atento e disposto para realizar a análise e a interpretação dos dados, baseando-se no referencial teórico-metodológico construído para desvelamento do fenômeno de investigação. Os dados

Não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são ‘fenômenos’ que não se restringem às preocupações sensíveis e aparentes “[...] se manifestam em uma complexidade de oposição, de revelações e de ocultamentos. É preciso ultrapassar sua aparência imediata para descobrir sua essência (CHIZOTTI, 1995, p.84).

Assim, o pesquisador aproxima-se do fenômeno e o interroga, buscando apreender sua essência, entendendo esse ato de interrogar “como todo querer saber, querer compreender que se lança interrogante em direção àquilo que o apela, que o afeta, que provoca sua atenção e interesse” (CRITELLI, 1996, p. 26).

Dessa forma, procuramos elucidar o uso dos pronomes **Tu** e **Você** no WhatsApp, considerando que “a elucidação da linguagem comum não é, de nenhum modo, a exploração de um sistema fechado onde as palavras remeteriam apenas para outras palavras; nada mais estranho à análise da linguagem do que esta fantasia” (RICOEUR, 2005, p.149). Assim, procuraremos analisar questões da língua/linguagem em relação ao uso dos pronomes citados anteriormente, presentes nas interações comunicativas realizadas no WhatsApp.

É importante destacar que:

A compreensão da escrita em ambientes na web implica conectar textos e práticas, sendo ambos essenciais para compreender a produção e o uso da linguagem *on-line*. Sem olhar atentamente para os textos, não compreenderíamos os produtos linguísticos concretos das atividades *on-line*; sem observar a vida e as crenças dos usuários sobre o que fazem com a sua escrita *on-line*, não perceberíamos a dinâmica da linguagem *on-line*. (BARTON; LEE, 2015, p.222)

Diante do exposto e levando em consideração a importância de pesquisarmos a língua/linguagem em espaços de escrita on-line, a análise dos dados foi realizada com os textos capturados do *WhatsApp*, por meio da *Variação Imaginativa*, técnica utilizada em uma pesquisa fenomenológica que possibilita ao investigador “[...] descobrir quais são os constituintes essenciais do fenômeno” (MARTINS; BICUDO, 2003, p. 105).

Portanto, conforme nossos estudos feitos na perspectiva Fenomenológica, procuramos atribuir significados às mensagens de textos capturadas do *WhatsApp*, às quais estão sendo consideradas Descrições dos sujeitos da pesquisa. Entendemos que elas são advindas de uma experiência vivida, conforme já referido anteriormente.

Do *corpus* construído, foram selecionadas as mensagens de texto referentes às publicações descritas no item 4.3. Do **Grupo MARANHÊS 1** (15 a 29 anos), selecionamos 4 (quatro) *Prints* que continham interações resultantes da discussão no grupo sobre as duas temáticas: **DIÁRIO DE UM ESTUDANTE DE ENSINO MÉDIO** (Descrição 1) e **TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: COMO GARANTIR MAIS MOTIVAÇÃO EM SALA DE AULA** (Descrições 2, 3 e 4). Do **Grupo MARANHÊS 2**, selecionamos 3 (três) *Prints* os quais abordavam discussões entre os interagentes sobre as temáticas: **O MERCADO DE TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA** (Descrição 5) e **AS AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA** (Descrições 6 e 7).

Durante o período de ativação dos grupos, publicamos 10 (dez) temas diversos em cada grupo. Com o intuito de identificar o nosso objeto de estudo, os pronomes **Tu** e **Você**, pedimos aos participantes dos grupos que interagissem de forma direcionada ao colega, ou seja, os interagentes discutiam entre si, cada um perguntava ao outro o seu posicionamento sobre o assunto abordado.

Com o intuito de preservarmos os dados pessoais dos membros da pesquisa e, também, por uma questão ética, os sujeitos foram identificados, inicialmente por M1 (MARANHÊS 1) e M2 (MARANHÊS 2) e por um S seguido por um número cardinal, por exemplo: M1-S1, M2-S1, e assim sucessivamente.

No subtópico 5.2, encontram-se as Descrições selecionadas para análise, da forma como as mensagens de texto foram postadas pelos integrantes do grupo MARANHÊS 1 e do grupo MARANHÊS 2. Essas Descrições, identificadas com um numeral cardinal de 1 a 9, foram analisadas com base no arcabouço teórico-metodológico que fundamenta nossa pesquisa

5.2 Análise fenomenológico-hermenêutica

Selecionadas as Descrições para análise, retomamos mais uma vez nossa questão norteadora: “De que forma ocorre o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos no *WhatsApp*?”, e realizamos um primeiro movimento, o da *Análise ideográfica*, momento em que procuramos identificar as Unidades de Significado, por meio da *Variação Imaginativa*, técnica que nos possibilitou meditar sobre as partes da experiência dos sujeitos que possuem significado para o desvelamento do fenômeno de nossa investigação. Identificadas as Unidades de Significado, procuramos explicitar cada Descrição. Em um segundo momento, realizamos a convergência das Descrições, a identificação e a interpretação das *categorias abertas* por meio da *Análise Nomotética*. É este movimento que descrevemos nos subtópicos a seguir.

5.2.1 Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Enunciados dos Sujeitos

DESCRIÇÃO 1



Nessa descrição, podemos perceber a participação de 6 (seis) interagentes, identificados como M1-S1, M1-S2, M1-S3, M1-S4, M1-S5 e M1-S6. A interação entre eles girou em torno das combinações feitas sobre o texto/blog intitulado “Diário de Bordo”, informado por M1-S1. Os interagentes estabelecem um diálogo e seus enunciados revelam o uso dos pronomes “**Tu**” e “**Você**”, conforme podemos comprovar nas Unidades de Significado:

Você já leu o texto? (M1-S2)
 ...**tu** já leu? O que **tu** achou do blog, fulano? (M1-S3)
 ... quando **tu** ler me avisa ... (M1-S4)
 Ah, pensei que **você** já tivesse lido! (M1-S5)
 Vamos combinar para eu e **tu** lermos (M1-S5)
 Acho que **tu** vai gostar (M1-S6)

Voltando o nosso olhar para as Unidades de Significado “Você já leu o texto (M1-S2)”, “Ah, pensei que você já tivesse lido! (M1-S5)”, percebemos o uso do pronome “Você” nos enunciados construídos por M1-S2 e M1-S5, no processo de interação. As Unidades de Significado destacadas revelam que o pronome “Você” foi empregado com certa formalidade pelos interagentes, com concordância em 3ª pessoa entre o sujeito e o verbo, conforme preconiza a norma culta do português, por se tratar de um pronome de tratamento.

Benveniste (2005, p.139) afirma que “a frase é a vida da linguagem em ação”. Nesse caso, os interagentes, ao empregarem o pronome “Você” em seus enunciados, mesmo no WhatsApp, empregam a lingua(gem), demonstrando certa cortesia, certo respeito, em relação ao seu interlocutor.

Explicitados os sentidos do pronome “Você”, colocamo-nos diante das demais Unidades de Significado identificadas na Descrição 1.

...**tu** já leu? O que **tu** achou do blog, fulano¹⁰? (M1-S3)
 ... quando **tu** ler me avisa ... (M1-S4)
 Acho que **tu** vai gostar (M1-S6)

Dessas Unidades de Significado, destacamos o pronome “Tu”, evidenciado em M1-S3, M1-S4 e M1-S6. Esse pronome está sendo empregado sem concordância entre o sujeito e o verbo, mesmo demarcando a 2ª pessoa do discurso. O uso desse pronome pelos interagentes, no WhatsApp, revela que “o exercício da linguagem dá-se por meio da frase, ponte que permite ultrapassar a

¹⁰ Usamos o termo “fulano” para preservar o nome pessoal do interlocutor da conversação.

noção de língua enquanto mero sistema de signos e entrar no campo da língua em uso” (SILVA, 2009, p.492).

Fazemos destaque ao uso do pronome “Tu” na seguinte Unidade de Significado: “O que tu achou do blog, fulano? (M1-S3)”. O interagente usa o pronome “Tu” como um recurso estilístico, dando ênfase ao nome de seu interlocutor.

Na busca de desvelar os sentidos possibilitados pela Descrição 1, deparamo-nos com as seguintes Unidades de Significado:

Ah, pensei que **você** já tivesse lido! (M1-S5)
Vamos combinar para eu e **tu** lermos (M1-S5)

Essas Unidades de Significado revelam que o interagente M1-S5, ao estabelecer interação com M1-S2, usa ao mesmo tempo o pronome “Você”, conforme já analisado anteriormente, e o pronome “Tu”, alternando, dessa forma, o uso desses pronomes e sua relação de pessoalidade.

Esse fato foi observado por Soto (2007, p.212),

Ora há o emprego de *tu* e formas correspondentes, ora há o uso de *você* e formas correspondentes [...] embora tenhamos duas formas para representar o *outro* na cena enunciativa, o lugar ocupado por este *tu/você* é o mesmo: o do amigo com quem se pode discutir, concordando ou não, mas muito simetricamente.

Assim, com base nos diálogos das Unidades de Significado, percebemos a clara alternância entre o uso dos pronomes Tu e Você e sua relação de pessoalidade. As duas formas pronominais dispõem de uma mesma posição discursiva, demarcando, desse modo, a 2ª pessoa do discurso.

Síntese da Descrição 1

Na descrição 1:

- ✓ Os pronomes *Tu* e *Você* demarcam a posição discursiva do outro com relação à 2º pessoa no enunciado a quem se refere;
- ✓ O uso do pronome *Tu* ocorre com ênfase ao nome de um interagente específico;

- ✓ O uso do pronome *Você* ocorre com certa formalidade e com alternância de uso entre *Tu* e *Você*.

DESCRIÇÃO 2



Nessa descrição, podemos perceber a participação de 4 interagentes, identificados como M1-S1, M1-S2, M1-S3, M1-S4. A interação entre eles teve como tema a tecnologia alinhada ao seu emprego em sala de aula, na qual os sujeitos discorrem sobre a temática a partir dos seus posicionamentos. É por meio dessas interações comunicativas entre os participantes que vão surgindo, no contexto, as relações enunciativas entre os interagentes, conforme visualizamos nas Unidades de Significado:

E **tu**, Fulano, o que acha? (M1-S1)
 [...] o professor deve alinhar a tecnologia ao gosto do aluno, como o que **tu** citou, Fulano,... (M1-S2)
Vocês não acham? (M1-S2)
 Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (M1-S3)

Dessas Unidades de Significado, destacamos o pronome “Tu”, evidenciado em M1-S1, M1-S2 e M1-S3. Na interação estabelecida entre os usuários do *WhatsApp*, esse pronome foi empregado sem concordância entre o sujeito e o verbo, mesmo demarcando a 2ª pessoa do discurso.

Dando continuidade à análise, destacamos da Unidade de Significado “Vocês não acham? (M1-S2)” o pronome “Vocês”, o qual revela que o interagente M1-S2 não mais se refere a apenas um interlocutor. M1-S2, ao responder à pergunta feita por M1-S1, faz uso do pronome “Tu”, contudo busca confirmação de sua resposta, dirigindo-se aos demais interagentes que participam do processo de interação por meio do pronome “Vocês”.

Nas Unidades de Significado “E tu, fulano, o que acha?” (M1-S2) e “fulano, Tu acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas?” (M1-S3), destacamos o pronome **Tu**. Esse pronome demarca uma relação discursiva que em destaque tanto o emissor, quanto o receptor.

Sobre essa relação intersubjetiva, vale ressaltarmos que

[...] a realidade humana é marcada por uma intersubjetividade que é logicamente anterior e condicional à subjetividade. Embora Benveniste (1988 e 1989) não tenha formulado uma definição explícita para a intersubjetividade, estamos tomando-a, com base no conjunto dos textos propostos pelo linguista, como condição da presença do homem na linguagem na qual o eu e o outro se pressupõem mutuamente. (JUNIOR; FLORES; CAVALCANTE, 2015, p. 531)

Outro aspecto importante que destacamos na Descrição 2 é a função morfológica que os pronomes **Tu** e **Você** assumem nos enunciados. Na gramática tradicional, o pronome é definido como palavra ou vocábulo com a função de nome ou usada para substituir o nome, conforme afirma Soto (2007), ao resgatar historicamente o conceito de pronome, a partir de uma óptica comparativa entre formulações diversas:

Grosso modo, estas formulações apontam para a ideia básica na definição clássica do pronome como substitutivo do nome – o pronome “tient la place” de um nome, “désigne” um ser, “reproduz” um conceito, “designa” uma pessoa ou coisa sem nomeá-la, “denota” ou “refere” um ente, entre outras funções [...] (SOTO, 2007, p. 66).

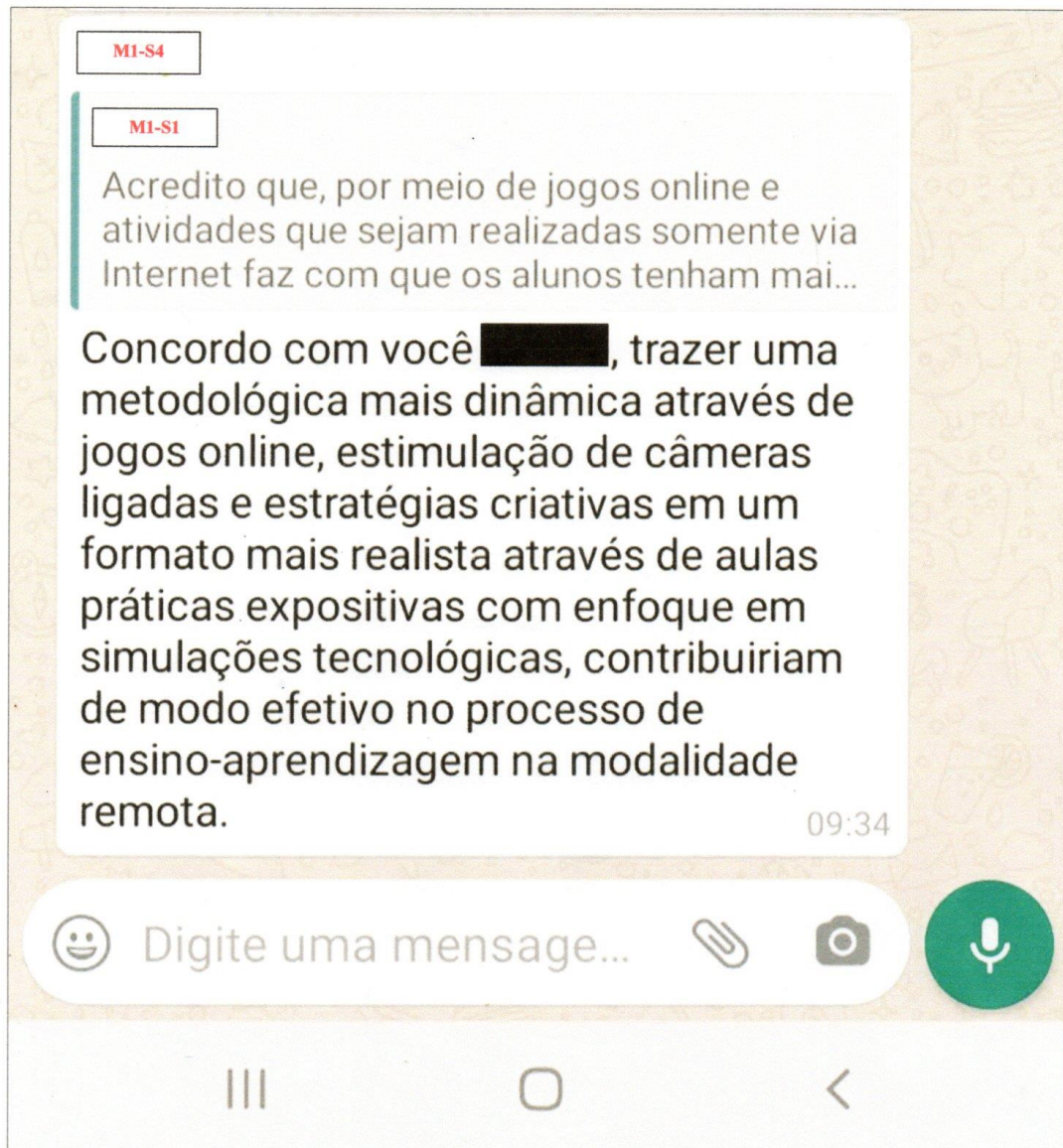
Esse emprego, na descrição 2, é demarcado pelas frases interrogativas, fenômeno que nos leva ao seguinte questionamento: Os pronomes pessoais **Tu** e **Você** desempenham função ora de anáfora, ora de catáfora apenas em enunciados interrogativos, conforme o evidenciado na linguagem desses sujeitos ludovicenses?

Síntese da Descrição 2

Na descrição 2, o uso do pronome Tu:

- ✓ ocorre com ênfase ao nome de um interagente específico;
- ✓ ocorre com alternância de uso entre “Tu” e “Vocês”.

DESCRIÇÃO 3



A descrição 3 apresenta apenas 1 interagente, identificado como M1-S4. O fato de haver apenas 1 interagente não significa que se trata de um discurso sem resposta e sem a necessidade do outro. Esta é uma das possibilidades do WhatsApp que permite a interação dos participantes tanto de forma síncrona, como de forma assíncrona. Sendo assim, o interagente M1- S4 está utilizando a sua subjetividade discursiva para evidenciar sua posição de concordância para com as metodologias atrativas por meio de jogos on-line dentro do processo de ensino e aprendizagem na modalidade remota.

Embora o interagente M1-S4 debata sua posição por meio de um comentário longo, destacamos apenas a Unidade de Significado a seguir:

Concordo com **você Fulano...** (M1-S4)

Dessa Unidade de Significado, destacamos o pronome “Você” que está sendo empregado com certo grau de formalidade. Esse fato pode está intimamente associado à representação do interlocutor de M1-S4 que instaura uma certa formalidade entre as pessoas do discurso. Nessas situações, “[...] a categoria de espaço proximal e distal está por trás das estratégias discursivas do falante [...]. Em regiões brasileiras em que o tratamento *tu* continua vigente, o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento” (CASTILHO, 2010, p.479 – grifos do autor).

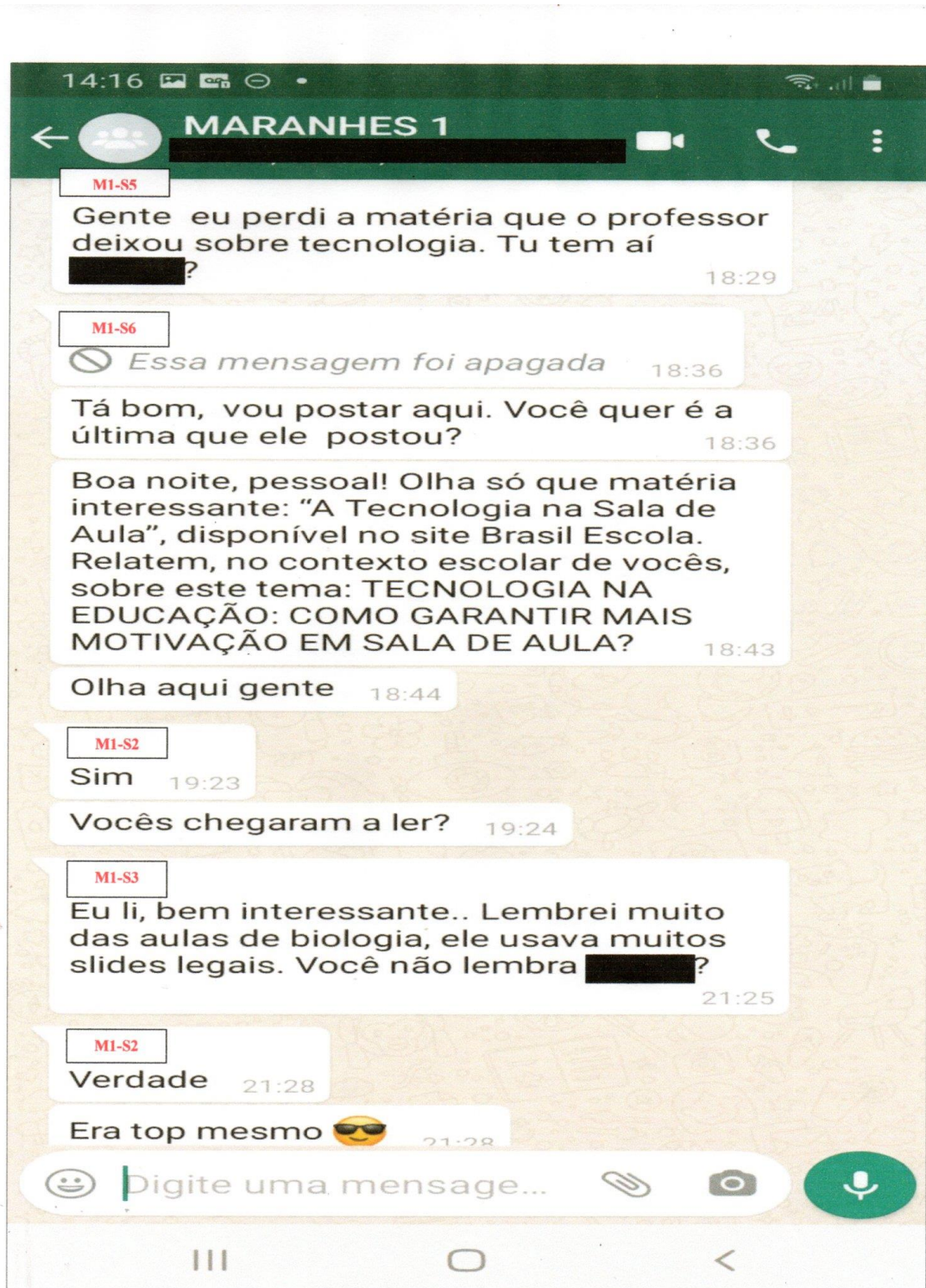
Na descrição 3, o pronome “Você” está sendo empregado não como substituto do nome, mas sim como recurso estilístico que dá ênfase ao nome da pessoa. Uma suposição que pode ser levantada sobre esse fenômeno é a de que, por se tratar de um grupo de Whatsapp, no qual o diálogo se direciona para mais de uma pessoa, haja a necessidade do sujeito de passar ao outro essa subjetividade de reversibilidade e unicidade. Nesse caso, *Você* não é qualquer pessoa ali presente, mas sim, uma pessoa determinada X a que o *Eu* se reporta exclusivamente.

Síntese da Descrição 3

Na descrição 3, o uso do pronome “Você”:

- ✓ ocorre com ênfase ao nome de um interagente específico e com formalidade.

DESCRIÇÃO 4



Nessa descrição, temos uma interação realizada entre 4 (quatro) interagentes, que estão identificados como: M1-S2, M1-S3, M1-S5, M1-S6. Os diálogos centralizam-se em um assunto geral: “Tecnologia em sala de aula”. O processo de interação é iniciado por meio da seguinte proposição enunciativa do sujeito M1-S3:

Gente **eu** perdi a matéria que o professor deixou sobre tecnologia. (M1-S3)

A seguir faz a seguinte pergunta:

Tu tem ai Fulano? (M1-S3)

Essa pergunta, a primeira Unidade de Significado que destacamos da descrição 4, é a chave para a interação entre os participantes. Colocamos em evidência, dessa Unidade de Significado, o pronome “Tu”, empregado por M1-S3 para se dirigir ao seu interlocutor. O uso desse pronome revela que há uma transcendência entre o *Eu* e o *Tu*, porque é sempre o *Eu* que enuncia o processo discursivo (BENVENISTE, 1970), implantando, dessa forma, o “*Tu*”, como podemos observar quando M1-S3 se afirma como primeira pessoa. Esse interagente consegue atribuir no diálogo o lugar do outro, demarcando sua posição discursiva e gerenciando o processo de alternância de posição do sujeito.

O linguista Dufour (2000) pontua que entre as formas pronominais *Eu* e *Tu* existe um vazio linguístico que é preenchido pela enunciação, pois falar consiste em preencher essas lacunas discursivas.

Prosseguindo nossa trajetória, volvemos olhar para as seguintes Unidades de Significado:

...**Você** quer é a ultima que ele postou? (M1- S6)
Vocês chegaram a ler? (M1-S2)
Você não lembra Fulano? (M1-S3)

Dessas Unidades de Significação destacamos o pronome “Você” (M1-S6) e (M1-S3). Esse pronome está demarcando a posição discursiva dos interagentes no processo de comunicação. Também estão sendo empregados com certa formalidade, o que nos leva a afirmar que houve polidez de tratamento entre os interagentes.

Um aspecto a considerar, em relação à Unidade de Significado “Você não lembra, fulano?” (M1-S3), diz respeito ao uso do pronome “Você” pelo mesmo

interagente que, em sua primeira participação no diálogo, emprega o pronome “Tu”, conforme já analisado anteriormente. Esse fato nos leva a afirmar que a alternância de uso entre os pronomes “Tu” e “Você” foi realizada na descrição 4.

Em relação ao uso do pronome “Vocês”, presente na Unidade de Significado “Vocês chegaram a ler? (M1-S2)”, podemos perceber que esse pronome faz referência aos demais participantes do processo de interação que, no caso, são M1-S3, M1-S5, M1-S6. A forma pronominal “vocês” empregada pelo interagente M1-S2 é, conforme Bechara (2005), o plural do pronome *Tu*, outrora também conhecido como o pronome *Vós* que caiu em desuso. Ao ser empregado na pergunta “Vocês chegaram a ler?”, o interagente M1-S2 reconhece a importância do (s) outro (s) na construção de sentido do seu enunciado, criando para a conversação relações dialógicas.

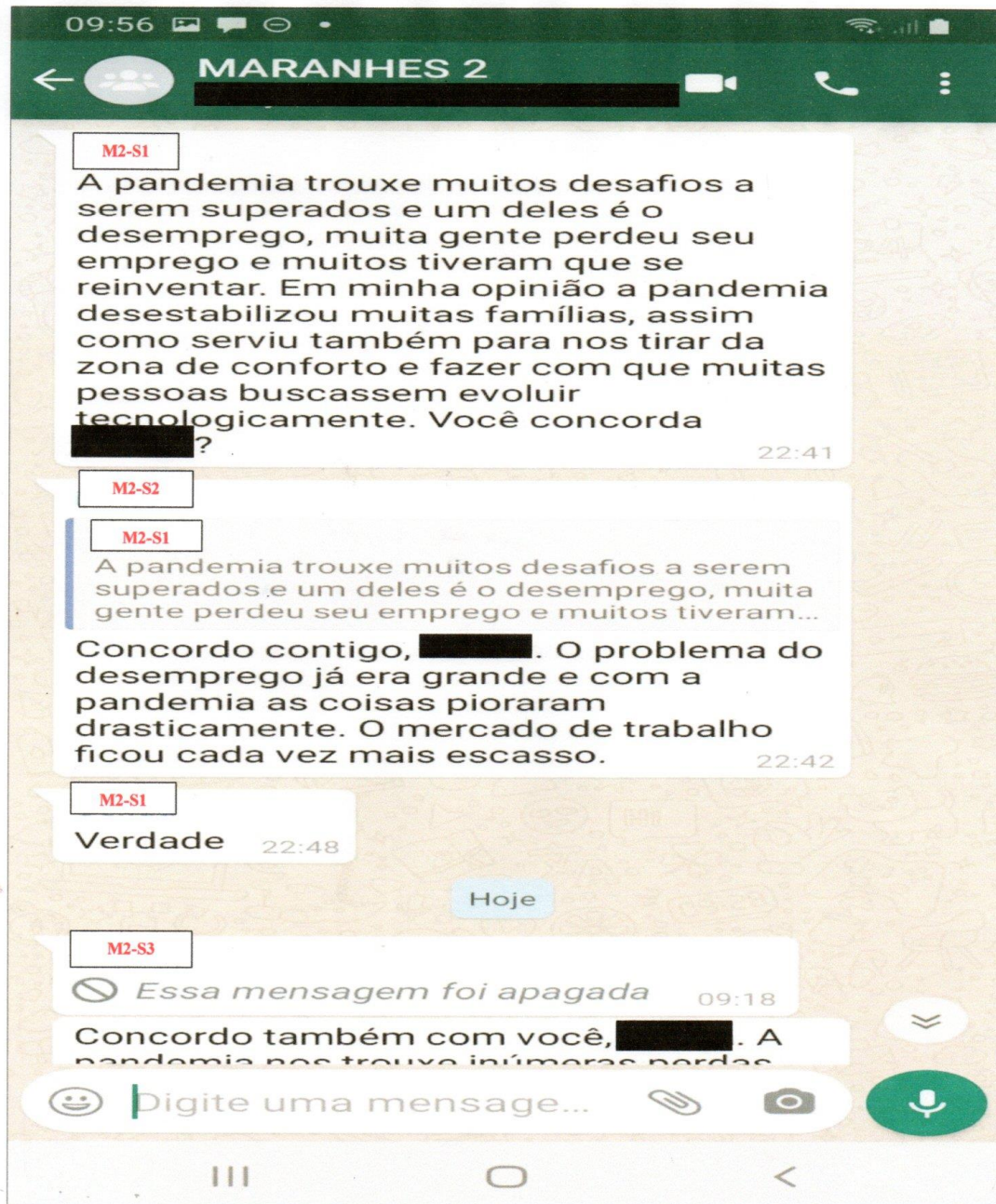
Esperávamos uma resposta de todos os interagentes, no entanto, somente o interagente M1-S3 responde, afirmando: *Eu li... Você não lembra Fulano? (M1-S3)*. Com a resposta dada por M1-S3, vemos que o interagente direciona sua pergunta para uma outra pessoa específica, fazendo uso do *Você*. Nesse sentido, há, nestas construções enunciativas, a alternância de uso dos pronomes *Você* na forma singular, para se direcionar a uma pessoa específica; e, “Vocês” em sua forma plural para se direcionar a um grupo de pessoas. As duas formas são aceitas como representação de 2ª pessoa enunciativa no português brasileiro.

Síntese da Descrição 4

Na descrição 4 ocorre:

- ✓ Os pronomes *Tu* e *Você* demarcam a posição discursiva do sujeito;
- ✓ O uso do pronome *Tu* ocorre com ênfase ao nome de um interagente específico;
- ✓ O uso dos pronomes *Você/Vocês* ocorre com certa formalidade e com alternância de uso entre *Tu* e *Você*.

DESCRIÇÃO 5



Nesta descrição, selecionada do grupo Maranhês 2, o discurso se constrói por meio de 3 interagentes, identificados como: M2-S1, M2-S2 e M2-S3. A priori, o diálogo é iniciado por M2-S1 e corporificado pelos demais interagentes. A interação entre eles concentrou-se em discussões de cunho pessoal sobre a pandemia e os desafios a serem superados, como, por exemplo, o desemprego.

Dessa conversação entre os interagentes, podemos destacar as seguintes Unidades de Significado.

...**Você** concorda fulano? (M2-S1)

Concordo também com **você**, Fulano. (M2-S3)

Nessas unidades de Significado, evidenciamos a preferência pelo uso do pronome **Você**. Esse fato pode está associado ao contexto das conversas e a idade dos participantes, uma vez que este grupo é formado por interagentes com idade entre 45 a 60 anos. Esses interagentes, ao fazerem suas escolhas linguísticas, constroem diálogos mais longos, com posicionamentos mais firmes. O uso do pronome **Você** revela certo grau de formalidade, com ênfase no nome de seu interlocutor.

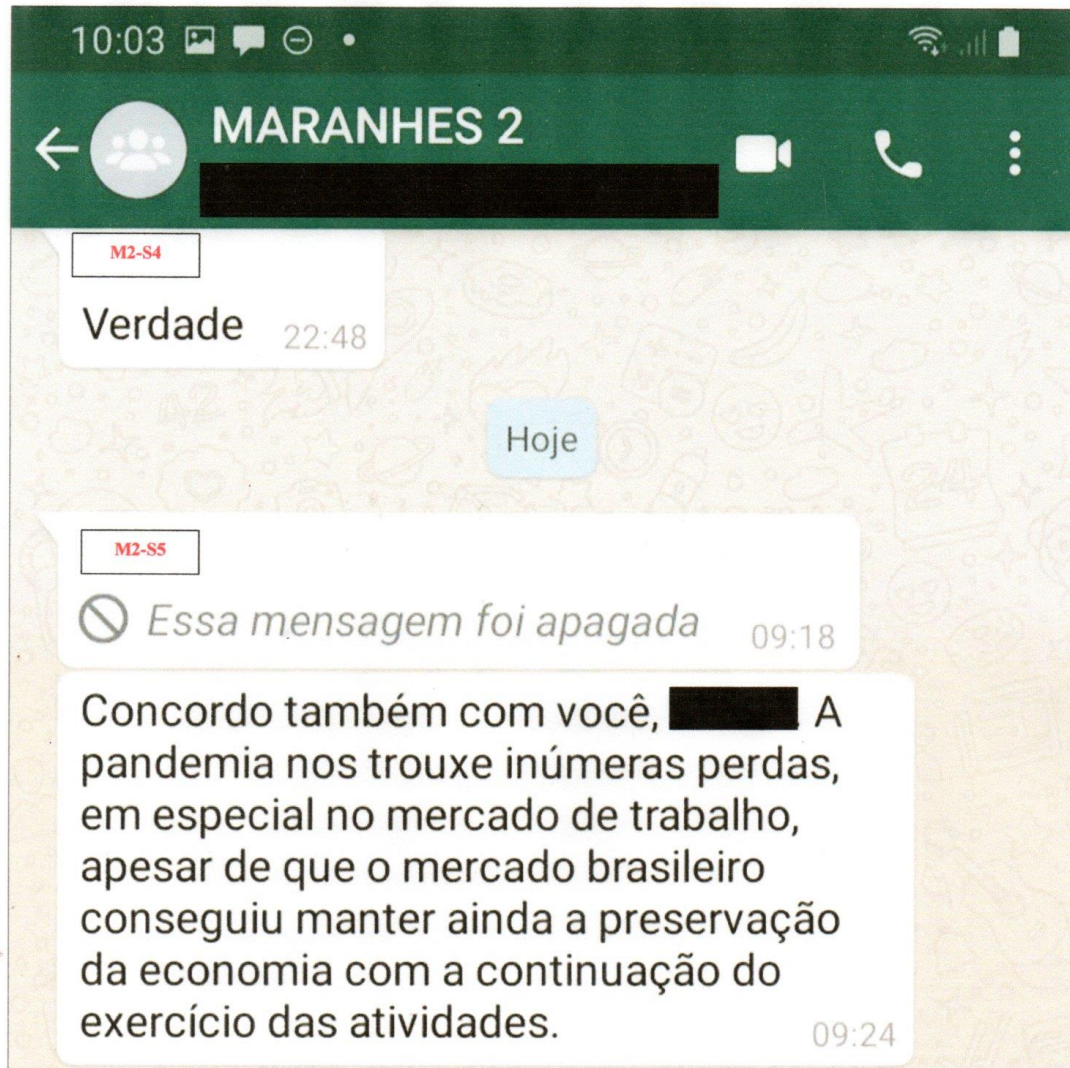
Síntese da descrição 5

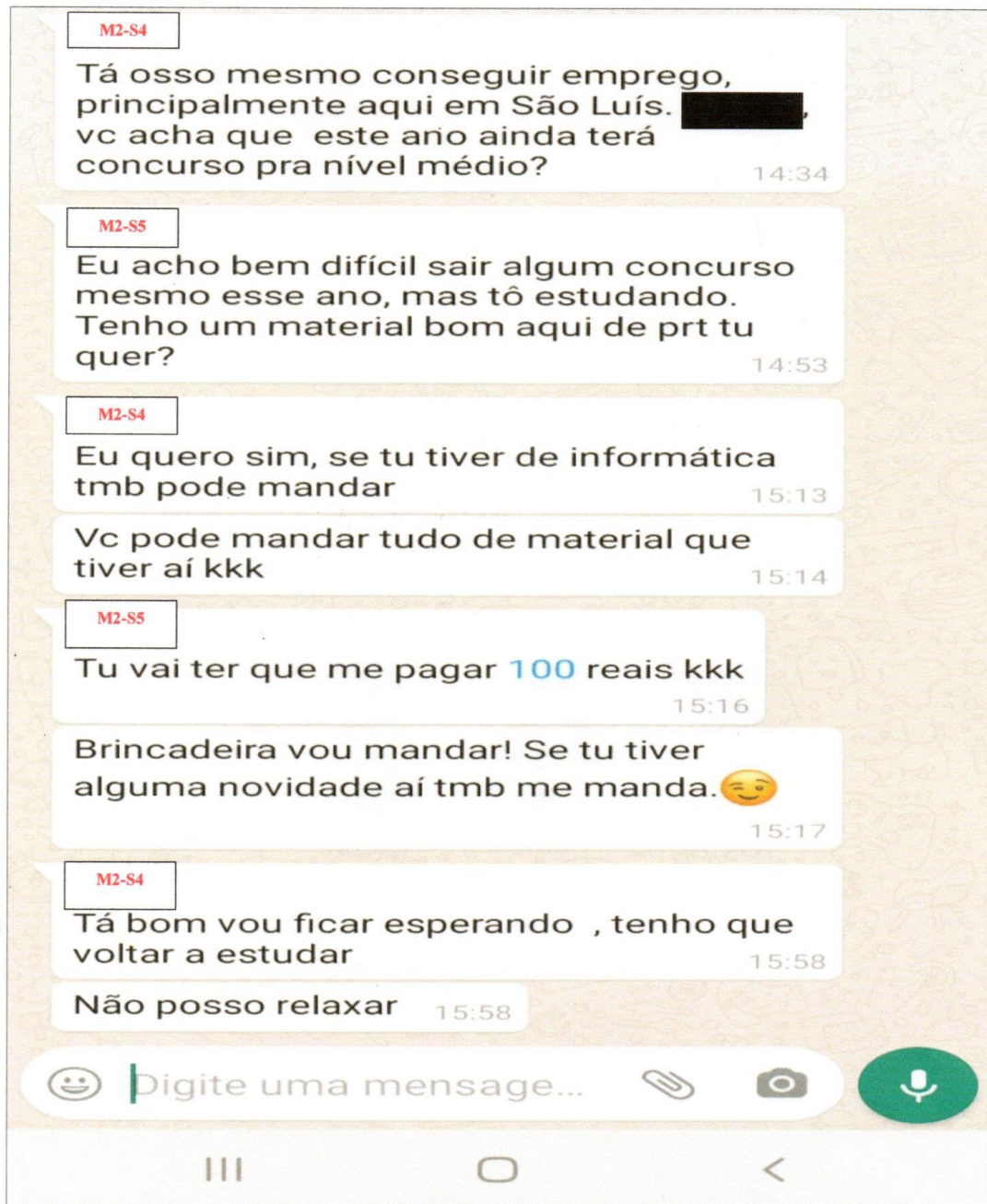
Na descrição 5:

O uso do pronome “Você” ocorre:

- ✓ com certa formalidade;
- ✓ sem alternância de uso entre “Tu” e “Você”;
- ✓ com ênfase ao nome de um interagente específico.

DESCRIÇÃO 6





Nessa descrição, a interação foi estabelecida entre 2 (dois) interagentes, identificados como M2-S4 e M2-S5. A troca comunicativa entre eles tem início quando M2-S5 enuncia: “Concordo também com **você**, fulano. (M2-S5)”, retomando, por meio da expressão “também”, as vozes discursivas anteriores, que discutiam questões como pandemia e desemprego, neste mesmo grupo. Esse interagente se dirige ao seu interlocutor usando o pronome “Você”, tratamento que expressa certa formalidade, ao colocar em discussão a sua visão sobre economia e mercado de trabalho, temas que os demais interagentes do grupo trouxeram para discussão, dando ênfase a questões ligadas ao desemprego e ao mercado de trabalho debilitado.

Convém destacar que no enunciado “Concordo também com **você**, fulano. (M2-S5)”, o pronome “Você” não está sendo usado para substituir o nome do interlocutor de M2-S5, mas, sim, para dar ênfase ao nome desse interlocutor. Essa característica comportamental do pronome *Você* independente de contexto, idade dos interagentes e tema debatido. Percebemos que esse é um fenômeno que vem acontecendo na linguagem de sujeitos ludovicenses, o que reafirma o pensamento de Flores (2011) que coloca os pronomes *Eu* (1ª pessoa) e *Tu/Você* (2ª pessoa) como indicadores de subjetividade.

Ressaltamos que os interagentes M2-S4 e M2-S5 não centralizam a discussão nos temas “economia”, “mercado de trabalho”, por exemplo. Eles iniciam a conversação com a ideia de abertura de concurso para o nível médio e evoluem para o compartilhamento de material entre os participantes da interação, conforme podemos comprovar nas seguintes Unidades de Significado:

Fulano **vc**, acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (M2-S4)
 Tenho um material bom aqui de prt **tu** quer? (M2-S5)
 Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar... **Vc** pode mandar tudo de material que tiver ai kkk (M2-S4)
Tu vai ter que me pagar 100 reais kkk.... Se **tu** tiver alguma novidade ai tmb me manda. (M2-S5)

Essas Unidades de Significado revelam que, aparentemente, M2-S4 e M2-S5 têm uma proximidade amigável. Desse modo, embora o debate do grupo Maranhês 2 fosse uma discussão séria, esses interagentes elevam a comunicação para um ambiente amigável. É nesse contexto que M2-S4 usa o pronome “*Você*” de forma abreviada, nas seguintes Unidades de Significado:

Fulano, **vc** acha que este ano ainda terá concurso para nível médio?
Vc pode mandar tudo de material que tiver aí.

Essa forma de representar o pronome “Você” revela criatividade no uso da língua, nas redes sociais da web. Isto porque, segundo Barros (2001, p.362), “o dinamismo da interação induz ao uso de grafia com convenções próprias, com muitas abreviaturas, sem acentos ou outras convenções da escrita, além de uma sintaxe particular, telegráfica”.

Dando continuidade à compreensão da descrição 6, destacamos as seguintes Unidades de Significado:

Tenho um material bom aqui de prt **tu** quer? (M2-S5)
Tu vai ter que me pagar 100 reais kkk.... Se **tu** tiver alguma novidade aí tmb me manda. (M2-S5)

Nessas Unidades de Significado, as escolhas linguísticas de M2-S5 revelam que o pronome “Tu” foi empregado sem alternância de uso entre os pronomes *Tu* e *Você*. Esse interagente, ao se dirigir ao seu interlocutor, privilegiou em suas construções discursivas o uso do pronome *Tu*. Esse fato nos leva a afirmar que o uso desse pronome, nessas Unidades de Significado, está associado a situações informais e familiares (MODESTO, 2006).

Na busca de atribuir sentido à descrição 6, damos ênfase à Unidade de Significado a seguir:

Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar... **Vc** pode mandar tudo de material que tiver aí kkk (M2-S4)

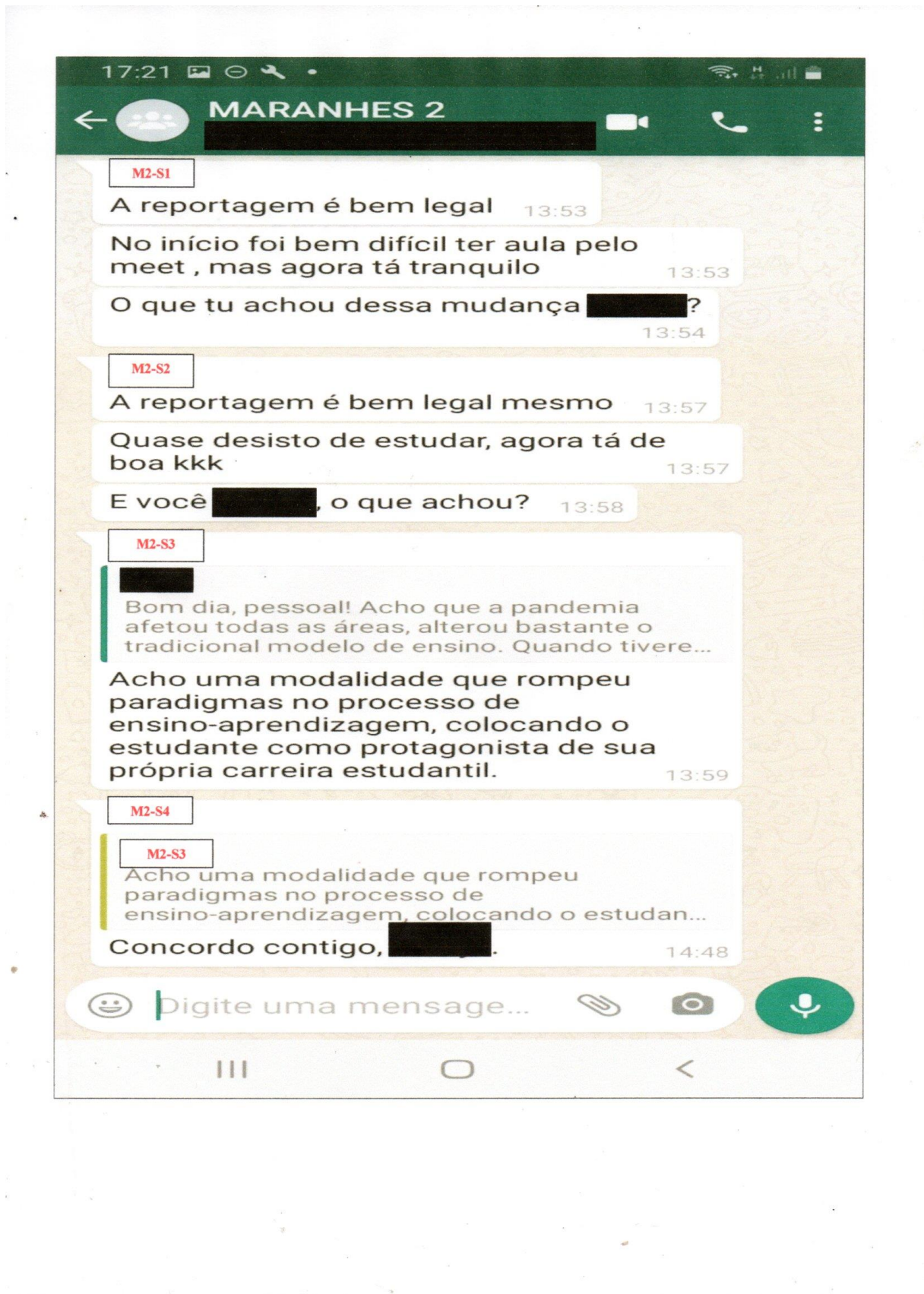
Essa Unidade de Significado nos mostra que o interagente M2-S4 realiza a alternância de uso entre os pronomes “Tu” e “Você”. De forma consciente ou inconsciente, ele consegue construir falas fazendo uso dos dois pronomes simultaneamente, o que nos leva a dizer que a alternância entre os pronomes *Tu* e *Você* ocorre em construções de caráter informal, com o “Você” demarcado como forma específica da escrita em ambientes virtuais, como é o caso do WhatsApp, conforme já referido anteriormente.

Síntese da descrição 6

Na descrição 6:

- ✓ Os pronomes “Tu” e “Você” demarcam a 2ª pessoa discursiva;
- ✓ O uso pronome “Você” ocorre com formalidade, com informalidade, com alternância de uso entre “Tu” e “Você”, com ênfase ao nome de um interagente específico;
- ✓ O uso do pronome “Tu” ocorre com informalidade, com indicação de intimidade e com alternância de uso entre “Tu” e “Você”.

DESCRIÇÃO 7



M2-S5

Gostei da matéria, bem parecido com a nossa realidade mesmo. Lá meu curso ficou um bom tempo sem aula. [REDACTED] você já sabe usar o meet? Kkk

23:39

Hoje

M2-S3

Eu sei, já dou é aula kkkk

10:20

M2-S5

Então tu vai me ensinar kkk

12:25

M2-S2

Eu tm achei muito interessante. [REDACTED] tu sabe compartilhar arquivos no drive?

13:01

M2-S5

Não, quero aprender kkk

13:24



Digite uma mensagem...



Nessa descrição, a interação foi realizada entre 5 interagentes, identificados como: M2-S1, M2-S2, M2-S3, M2-S4 e M2-S5. A discussão entre eles gira em torno da reportagem “*Aulas Remotas em Tempos de Pandemia*”, disponível no site do Brasil Escola, conforme já referido no item 4.3. Após assistir à referida reportagem, os participantes do grupo Maranhês 2 passam a discorrer sobre suas experiências em torno das mudanças ocasionadas por esse tipo de ensino. A discussão tem início com a participação de M2-S1 que se dirige aos demais interagentes proferindo o seguinte enunciado: “A reportagem é bem legal”, demarcando, assim, que havia assistido à reportagem.

Embora na descrição 7 (sete) haja 5 interagentes, dois deles, M2-S3 e M2-S4, praticamente não se envolveram na discussão. Há uma tímida participação de M2-S3 por meio do seguinte enunciado: “Concordo contigo, fulano”. Nesse sentido, dessa descrição, destacamos as seguintes Unidades de Significado:

O que **tu** achou dessa mudança fulano? (M2-S1)
 E **você**, fulano, o que achou dessa mudança? (M2-S2)
 ...Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)
 Então **tu** vai me ensinar kkk (M2-S5)
 ...Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (M2-S2)

Nessas Unidades de significado, a alternância de uso entre os pronomes *Tu* e *Você* acontece independente de grau de formalidade que o tema e/ou contexto exige. Dessa forma, podemos perceber que o mesmo interagente alterna entre os dois pronomes nestas Unidades de Significado: ...Fulano você já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5) Então tu vai me ensinar kkk (M2-S5). Essa alternância de uso aponta para uma certa aceitabilidade das duas formas pronominais (Tu/Você) para demarcar o lugar de fala da segunda pessoa discursiva .

Nesse contexto, a demarcação dos lugares de fala dos enunciados produzidos pelos interagentes chama a atenção para a relação entre o **Eu-Tu**. Essa realidade dialética promovida pela subjetividade das pessoas enunciativas pode ser subscrita por meio de M2-S1 e de M2-S2, que não fazem uso explícito do *Eu*, mas utilizam formas interrogativas, como as que se apresentam nas Unidades de Significado identificadas a seguir:

O que **tu** achou dessa mudança fulano? (M2-S1)
 E **você**, fulano, o que achou dessa mudança? (M2-S2)
 ...Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)
 ...Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (M2-S2)

Essas formas discursivas interrogativas servem para inserir o *Tu/Você* no discurso, fazendo uso dessas formas para sinalizar a entrada da 2ª pessoa do singular no diálogo. Nesse sentido, cabe a essas Unidades de Significado expressas em forma interrogativa o potencial de transcendência enunciativa, no qual o *Eu* é o responsável por instaurar o *Tu/Você*.

Cabe ressaltar ainda que a reportagem, ao ser comentada pelo interagente M2-S5, ganha outras proporções e recria outros debates em torno do uso do *meet* e do compartilhamento de arquivos no drive, conforme vemos nas Unidades de Significados a seguir:

...Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)

...Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (M2-S2)

Essas Unidades de Significado revelam que a interação estabelecida entre os interagentes é uma conversação que foi instaurada por M2-S5, o qual se dirige a um dos participantes do grupo com a seguinte pergunta: “Fulano, você já sabe usar o meet?”. Ao obter a resposta de seu interlocutor, o sujeito M2-S5 se manifesta por meio do seguinte enunciado: “Então tu vai me ensinar kkk”, usando o tratamento “Tu”, revelando, assim, a alterância de uso entre os pronomes *Você* e *Tu*.

No diálogo estabelecido entre os dois interagentes, percebemos que M2-S2 se dirige a M2-S5 usando o pronome “Tu” como forma de tratamento, conforme podemos comprovar na seguinte Unidade de Significado:

...Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive?

Nesse caso, tanto o pronome *Tu*, quanto o pronome *Você* apresentam a mesma característica, a de enfatizar o nome dos interagentes mencionados anteriormente. Contudo, em nenhuma das utilizações do pronome pessoal *Tu* houve concordância entre o pronome e o verbo. Enquanto o uso do pronome *Você*, apesar de enfática ao nome, concorda com o verbo.

Síntese da descrição 7

Na descrição 7:

- ✓ Os pronomes “Tu” e “Você” demarcam a 2ª pessoa discursiva;
- ✓ O uso pronome “Você” ocorre com formalidade e com ênfase ao nome de um interagente específico;
- ✓ O uso do pronome “Tu” ocorre com intimidade.

5.2.2 Análise Nomotética: Identificação e Interpretação das Categorias Abertas

Este é o momento em que realizamos um movimento de aproximação e afastamento em relação ao fenômeno, na tentativa de identificar as convergências e as idiossincrasias dos sentidos já constatados pela Análise Ideográfica.

Estabelecemos assim um movimento sincrônico do aspecto individual para o geral ou coletivo, buscando, pela confluência das convergências das Unidades de Significado, identificar as *categorias abertas*, as quais foram compreendidas/interpretadas, fazendo aparecer os sentidos do fenômeno interrogado.

5.2.2.1 Identificação das Categorias Abertas

Seguindo os pressupostos metodológicos da fenomenologia hermenêutica, realizamos o cruzamento das Unidades de Significado, que convergiram para as *categorias abertas*, identificadas pelo pesquisador, a partir de um olhar fenomenológico.

Segundo Cardoso (2019, p.127)

[...] as categorias abertas não recriam as categorias já existentes dentro dos processos referenciais, ou seja, não são invenções novas. São abertas em razão da maneira como foram explicitadas, a partir daquilo que o fenômeno [...], nos revelou.

Entendendo dessa forma, nossa proposta não é criar novas invenções ou recriar categorias novas, mas, sim, retornar aos sentidos que já foram

explicitados, na Análise Ideográfica. Assim, procuramos nos situar diante do fenômeno de nossa investigação e, a partir do movimento sincrônico do aspecto individual para o geral que realizamos, identificamos as seguintes *categorias abertas*: **USO DO TU E DO VOCÊ COMO FORMA DE TRATAMENTO; ALTERNÂNCIA DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS DOS ENUNCIADORES; ALTERNÂNCIA ENTRE O USO DO TU E DO VOCÊ; USO DO TU E DO VOCÊ COMO PRONOMES ENDOFÓRICOS.** O Quadro a seguir demonstra esse movimento.

QUADRO 3 – Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas

CATEGORIAS ABERTAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
USO DO TU E DO VOCÊ COMO FORMA DE TRATAMENTO	Você já leu o texto? (M1-S2)	D-1
	... tu já leu? O que tu achou do blog, fulano? (M1-S3)	D-1
	... quando tu ler me avisa ... (M1-S4)	D-1
	Ah, pensei que você já tivesse lido! (M1-S5)	D-1
	Vamos combinar para eu e tu lermos (M1-S5)	D-1
	Acho que tu vai gostar (M1-S6)	D-1
	E tu , Fulano, o que acha? (M1-S1)	D-2
	[...] o professor deve alinhar a tecnologia ao gosto do aluno, como o que tu citou, Fulano,... (M1-S2)	D-2
	Vocês não acham? (M1-S2)	D-2
	Fulano Tu acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (M1-S3)	D-2
	Concordo com você Fulano... (M1-S4)	D-3
	Tu tem ai Fulano? (M1-S3)	D-4
	... Você quer é a ultima que ele postou? (M1- S6)	D-4
	Você não lembra Fulano? (M1-S3)	D-4
	... Você concorda fulano? (M2-S1)	D-5

	Concordo também com você , Fulano. (M2-S3)	D-5
	Concordo também com você , fulano. (M2-S5)	D-6
	Fulano vc acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (M2-S4)	D-6
	Tenho um material bom aqui de prt tu quer? (M2-S5)	D-6
	Eu quero sim, se tu tiver de informática tmb pode mandar... Vc pode mandar tudo de material que tiver ai kkk (M2-S4)	D-6
	Tu vai ter que me pagar 100 reais kkk.... Se tu tiver alguma novidade ai tmb me manda. (M2-S5)	D-7
	O que tu achou dessa mudança fulano? (M2-S1)	D-7
	E você , fulano, o que achou dessa mudança? (M2-S2)	D-7
	...Fulano você já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)	D-7
	Então tu vai me ensinar kkk (M2-S5)	D-7
ALTERNÂNCIA DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS DOS ENUNCIADORES	...Fulano tu sabe compartilhar arquivos no drive? (M2-S2)	
	Acho que tu vai gostar tmb. E tu , fulano, já leu? (M1-S6)	D-1
	E tu , fulano, o que acha? (M1-S1)	D-2
	Fulano, Tu acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (M1-S3)	D-2
	Tu tem ai, fulano? (M1-S3)	D-4
	Você não lembra fulano? (M1-S3)	D-4
	Tenho um material bom aqui de prt tu quer? (M2-S5)	D-6
	O que tu achou dessa mudança fulano? (M2-S1)	D-7
	Fulano você já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)	D-7
	Então tu vai me ensinar kkk (M2-S5)	D-7
	Fulano tu sabe compartilhar arquivos no drive? (M2-	D-7

	S2)	
ALTERNÂNCIA ENTRE O USO DO TU E DO VOCÊ	Ah, pensei que você já tivesse lido!.Vamos combinar para eu e tu lermos. (M1-S5)	D-1
	Tu tem aí fulano? (M1-S3)	D-4
	Você não lembra fulano? (M1-S3)	D-4
	Fulano vc acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (M2-S4)	D-6
	Eu quero sim, se tu tiver de informática tmb pode mandar. (M2-S4)	D-6
	Vc pode mandar tudo de material que tiver aí kkk (M2-S4)	D-6
	Fulano você já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)	D-7
	Então tu vai me ensinar (M2-S5)	D-7
USO DO TU E DO VOCÊ COMO PRONOMES ENDOFÓRICOS	E tu , fulano, já leu? (M1-S6)	D-1
	E tu , fulano, o que acha? (M1-S1)	D-2
	Fulano Tu acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? ((M1-S3)	D-2
	Concordo com você Fulano (M1-S4)	D-3
	Tu tem aí fulano? (M1-S3)	D-4
	Você não lembra fulano? (M1-S3)	D-4
	Você concorda fulano? (M2-S1)	D-5
	Concordo também com você , fulano (M2-S3)	D-5
	Concordo também com você , fulano (M2-S5)	D-6
	Fulano vc acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (M2-S4)	D-6
	O que tu achou dessa mudança fulano? (M2-S1)	D-7
	Fulano você já sabe usar o meet? Kkk (M2-S5)	D-7
	Fulano tu sabe compartilhar arquivos no drive? (M2-S2)	D-7

5.2.2.2 Interpretação das Categorias Abertas

No item 5.2.2.1, colocamos em proeminência a convergência das Unidades de Significado, extraídas das Descrições, originadas do processo discursivo enunciativo ocorrido nos dois grupos formados no *Whatsapp*: **MARANHÊS 1** e **MARANHÊS 2**, descritos no Capítulo 4 deste estudo.

Por meio desses enunciados, veiculados no meio digital, estamos fazendo um esforço epistemológico pautado na reflexão e na compreensão, buscando, assim, tornar visível o fenômeno por nós estudado, tendo como ponte para isso o fazer fenomenológico e suas propriedades interpretativas dos sentidos no fenômeno investigado.

Deste modo, retomamos a questão norteadora da pesquisa: *De que forma ocorre o uso dos pronomes Tu e Você em enunciados escritos de ludovicenses no WhatsApp?* e, a partir do olhar fenomenológico hermenêutico, atribuir sentidos às categorias abertas.

Assim, iniciamos o processo de compreensão das quatro categorias oriundas das Descrições aqui analisadas, aprofundando nossa compreensão em torno do uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos de ludovicenses no *Whatsapp*.

Para tanto, faz-se necessário reconstruir parte por parte desses enunciados, a fim de termos uma visão do todo enunciativo, como bem afirma Ricoeur (1991, p. 58), ao enfatizar que

[...] toda a interpretação coloca o intérprete *in medias res* e nunca no início ou no fim. Nós surgimos, de certo modo, a meio de uma conversa que já começou e na qual tentamos orientar-nos, a fim de podermos também fornecer-lhe o nosso contributo.

Conduzidos por essa perspectiva, retornamos ao universo da enunciação e dos processos dialógicos, discussão que nos leva a refletir mais profundamente sobre as categorias abertas, atribuindo sentido a cada uma dessas categorias, de forma particular, sem, no entanto, deixarmos de entender essas categorias dentro de sua inter-relação (CARDOSO, 2019). Assim, analisar as categorias abertas é aprofundar nosso estudo em uma perspectiva particular que cada uma dessas categorias tem, colocando-as numa rede de significados de forma imbricada.

A primeira categoria aberta a passar por um processo de

clarificação/significação é a categoria **USO DO TU E DO VOCÊ COMO FORMA DE TRATAMENTO**. Essa categoria apresentou-se nas seguintes Unidades de Significado:

- (M1-S2): **Você** já leu o texto? (D-1)
 (M1-S3): ...**tu** já leu? O que **tu** achou do blog, fulano? (D-1)
 (M1-S4): ... quando tu ler me avisa .. (D-1).
 (M1-S5): Ah, pensei que **você** já tivesse lido! (D-1)
 (M1-S5): Vamos combinar para eu e **tu** lermos (D-1)
 (M1-S6): Acho que **tu** vai gostar (D-1)
 (M1-S1): E **tu**, Fulano, o que acha? (D-2)
 (M1-S2): [...] o professor deve alinhar a tecnologia ao gosto do aluno, como o que **tu** citou, Fulano,... (D-2)
 (M1-S2): **Vocês** não acham? (D-2)
 (M1-S3): Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (D-2)
 (M1-S4): Concordo com **você** Fulano... (D-3)
 (M1-S3): **Tu** tem aí Fulano? (D-4)
 (M1-S6): ...**Você** quer é a ultima que ele postou? (D-4)
 (M1-S3): **Você** não lembra Fulano? (D-4)
 (M2-S1): ...**Você** concorda fulano? (D-5)
 (M2-S3): Concordo também com **você**, Fulano. (D-5)
 (M2-S5): Concordo também com **você**, fulano. (D-6)
 (M2-S4): Fulano **vc** acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (D-6)
 (M2-S5): Tenho um material bom aqui de prt **tu** quer? (D-6)
 (M2-S4): Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar... **Vc** pode mandar tudo de material que tiver ai kkk (D-6)
 (M2-S5): **Tu** vai ter que me pagar 100 reais kkk.... Se **tu** tiver alguma novidade ai tmb me manda. (D-6)
 (M2-S1): O que **tu** achou dessa mudança fulano? (D-7)
 (M2-S2): E **você**, fulano, o que achou dessa mudança? (D-7)
 (M2-S5): ...Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (D-7)
 (M2-S5): Então **tu** vai me ensinar kkk (D-7)
 (M2-S2): ...Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (D-7)

Essas Unidades de Significado tornam evidentes a alternância constante entre os pronomes *Tu* e *Você*. Mais que isso, o uso desses pronomes e sua relação de pessoalidade, no texto escrito de ludovicenses, demonstram os valores que os interagentes atribuem aos seus interlocutores nas situações comunicativas realizadas no WhatsApp, ou seja, o uso dos pronomes *Tu* e *Você* revelam formas de tratamento dos interagentes. .

Nessa direção, destacamos que:

Mesmo quando o pronome *você* passou a já ser interpretado como variante de *tu*, em alguns casos específicos, manteve resquícios de formalidade de *Vossa Mercê*. O seu emprego, em cartas do século XIX, servia como estratégia de atenuação a favor da polidez linguística, marcando um maior distanciamento, o que garantia um tom menos invasivo à interação (ANDRADE; CASTILHO, 2018, p.35).

Conforme os autores, o pronome *Você* começou a ser entendido como variante de *tu*, mantendo resquício da formalidade que se tinha com o uso do antigo *Vossa Mercê*. Esse pronome se apresenta com formalidade e simboliza certo distanciamento dos interagentes, como se expressa nas Unidades de Significado a seguir:

- (M1-S2): ***Você*** já leu o texto? (D-1)
 (M1-S5): Ah, pensei que ***você*** já tivesse lido! (D-1)
 (M1-S4): Concordo com ***você*** Fulano... (D-3)
 (M1-S6): ...***Você*** quer é a ultima que ele postou? (D-4)
 (M1-S3): ***Você*** não lembra Fulano? (D-4)
 (M2-S1): ...***Você*** concorda fulano? (D-5)
 (M2-S3): Concordo também com ***você***, Fulano. (D-5)
 (M2-S5): Concordo também com ***você***, fulano. (D-6)
 (M2-S2): E ***você***, fulano, o que achou dessa mudança? (D-7)
 (M2-S5): ...Fulano ***você*** já sabe usar o meet? Kkk (D-7)

Nessas Unidades de Significado, o pronome *Você* revela um tratamento formal entre os interagentes, dispondo-se assim em concordância em 3ª pessoa entre o sujeito e o verbo. Esse fenômeno que ocorre com pronome *Você* é comentado por Castilho (2010, p.479) que assevera que “em regiões brasileiras em que o tratamento *tu* continua vigente, o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento”. Embora esses enunciados sejam construídos e direcionados a um sujeito específico, o *Eu* enunciativo preocupa-se com o tratamento direcionado, o que contribui para manter o distanciamento entre suas cenas enunciativas, conforme afirma Alves (2015, p.77):

O *você*, por exemplo, tem um emprego maior em espaços mais formais. Assumindo-me como um dos sujeitos desta pesquisa, permito-me dizer que uso do *você* para marcar a formalidade e/ou a distância com meu interlocutor e, em muitas ocasiões, para fugir da concordância com o *tu*.

Destacamos que, com a popularidade dos espaços de comunicação virtual, como é o caso do WhatsApp, “acreditamos que o *Vc* (e, talvez, as formas *Vcê*, *Vce*, *Vcs*, *Vcês*) são estruturas consolidadas no Bate Papo, de fato, devido a sua frequência ser bem mais expressiva do que as demais reduções entre os maranhenses” (ABREU, 2019, p.96). Nesse sentido, o pronome *Você* ganhou espaço e, hoje, é tão usado quanto o pronome *Tu*. E, nem sempre esse *Você* e suas formas respectivas, ou seja, as abreviações, irão aparecer com essa mesma

formalidade e distanciamento. Isso porque a própria tecnologia e seus veículos comunicativos proporcionam à língua eventos enunciativos e possibilidades expressivas que denotam grau maior de proximidade entre os interagentes. Como observamos na seguinte Unidade de Significado:

(M2-S4): Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar... **Vc** pode mandar tudo de material que tiver ai kkk **(D-6)**

Nessa Unidade de Significado, podemos perceber que o interagente faz uso do Tu sem concordância verbal. Além disso, alterna o uso dos pronomes Tu e Você. No entanto, a forma representativa do pronome Você (Vc) encontra-se contraída, marcando informalidade e é acompanhada por marca de oralidade. Deste modo, o que percebemos é que o Você, nessa construção, seguiu o mesmo padrão de tratamento que o interagente M2-S4 instaurou, tratando, assim, o outro de forma mais próxima e com grau de intimidade.

No que se refere ao pronome Tu, este denota, na escrita de ludovicenses, determinado grau de intimidade, como observamos nas seguintes Unidades de Significado:

(M1-S3):...**tu** já leu? O que **tu** achou do blog, fulano? **(D-1)**

(M1-S4):... quando **tu** ler me avisa .. **(D-1)**.

(M1-S5): Vamos combinar para eu e **tu** lermos **(D-1)**

(M1-S6): Acho que **tu** vai gostar **(D-1)**

(M1-S1): E **tu**, Fulano, o que acha? **(D-2)**

(M1-S2): [...] o professor deve alinhar a tecnologia ao gosto do aluno, como o que **tu** citou, Fulano,... **(D-2)**

(M1-S3): Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? **(D-2)**

(M1-S3): **Tu** tem ai Fulano? **(D-4)**

(M2-S4): Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar... **(D-6)**

(M2-S5): **Tu** vai ter que me pagar 100 reais kkk.... Se **tu** tiver alguma novidade ai tmb me manda. **(D-6)**

(M2-S1): O que **tu** achou dessa mudança fulano? **(D-7)**

(M2-S5): Então **tu** vai me ensinar kkk **(D-7)**

(M2-S2): ...Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? **(D-7)**

As Unidades de Significado revelam que a interação entre os interagentes se constrói de forma proximal, expressando intimidades entre eles. Dentre seus aspectos estruturais, podemos citar o fato de esta intimidade vir por meio da falta de concordância verbal, marcas de oralidade, dentre outros aspectos, o que nos leva a afirmar que, na interação estabelecida no *WhatsApp*, a forma pronominal de tratamento empregada é resultado da visão que os interagentes possuem um dos outros. Isto porque

as relações interpessoais, de um modo geral, consideram a existência de um fator preponderante com base no qual o falante se posiciona frente ao seu ouvinte. Este fator é a simetria, que é estabelecida com base em uma hierarquia institucional ou negociada em uma situação interacional, conforme os interlocutores estabelecem sua identidade. (LUCCA, 2005, p. 62).

Podemos, portanto, afirmar que entre os interagentes do WhatsApp foram estabelecidas relações simétricas, fato que contribuiu para que fossem solidários uns com os outros, mesmo apresentando faixa etária diferente. Na categoria **USO DO TU E DO VOCÊ COMO FORMA DE TRATAMENTO**, podemos perceber o uso da forma de tratamento pronominal de *Tu* e *Você*, o que nos leva a afirmar que o *Tu* não desapareceu do falar ludovicense. Embora o *Você* tenha tido grande aceitabilidade social, o pronome *Tu* ainda se encontra em posição de equivalência à 2ª pessoa discursiva, tanto no que se refere a seu aparecimento ora com concordância, ora sem concordância, como nas próprias marcas de expressão e oralidade que a linguagem dos espaços virtuais permite.

Nesse sentido, há, nos pronomes *Tu* e *Você*, um comportamento de uso indisciplinar que se distanciou das gramáticas tradicionais e que ganhou proporção nos ambientes de escrita on-line.

A segunda categoria aberta deste estudo foi nomeada como: **ALTERNÂNCIA DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS DOS ENUNCIADORES**. Essa categoria se revela nas seguintes Unidades de Significado:

- (M1-S6): Acho que **tu** vai gostar tmb. E **tu**, fulano, já leu? (D-1)
 M1-S1: E **tu**, fulano, o que acha? (D-2)
 (M1-S3): Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (D-2)
 (M1-S3): **Tu** tem aí fulano? (D-4)
 (M1-S3): **Você** não lembra fulano?(D-4)
 (M2-S5): Tenho um material bom aqui de prt **tu** quer? (D-6)
 (M2-S1): O que **tu** achou dessa mudança fulano? (D-7)
 (M2-S5): Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (D-7)
 (M2-S5): Então **tu** vai me ensinar kkk (D-7)
 (M2-S2): Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (D-7)

Nessa categoria, observamos a clara alternância entre as posições discursivas dos sujeitos enunciadorees. Em (M1-S6): Acho que **tu** vai gostar tmb. E **tu**, fulano, já leu? (D-1), mesmo o **Eu** estando oculto, sendo, portanto, demarcado somente pelo verbo, é por meio da voz discursiva do **Eu** que o **Tu** é enunciado.

Essa forma de enunciação revelada por D-1 também se faz presente em D-2, D4, D-6 e D-7, conforme as Unidades de Significado destacadas anteriormente. Na construção dialógica realizada pelos interagentes do WhatsApp, ao estabelecerem a interação entre eles, é possível vermos o que Lahud (1979) assevera sobre a posição que o **Tu/Você** ocupa em relação ao **Eu** como pessoa enunciadora:

o papel das 'pessoas' propriamente ditas é, sobretudo, assegurar aos locutores a possibilidade de se colocarem, no instante em que dizem ou 'eu' ou 'tu', na posição de sujeitos de seu próprio discurso, regrando desta forma uma das dimensões fundamentais da troca linguística (LAHUD, 1979, p. 108).

Nessa categoria, há uma representação filosófica de transmutação dos pronomes Tu/Você como 2ª pessoa discursiva por meio do **Eu**, que segue duas lógicas: 1) **Tu/Você** só se realiza por meio da posição de transcendência do **Eu**; 2) **Tu/Você** realiza-se como sujeito enunciador, quando esse sujeito assume a forma de **Eu** (pessoa que enuncia).

Ao tratar desse fenômeno de mudança de posição dos enunciadores, Galembeck (2015, p. 42) explica que:

[...] No plano do discurso, ocorre a presença de um "eu" que se apropria da língua e instaura o ouvinte como "tu" ou "você". O "eu", ao instaurar-se como locutor também define as coordenadas de espaço e tempo (aqui e agora), embora ele tenha a consciência que os papéis de falante e ouvinte sejam reversíveis.

Nesse sentido, a categoria **ALTERNÂNCIA DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS DOS ENUNCIADORES** revela a possibilidade da reversibilidade que provoca a alternância dos enunciadores e as posições das pessoas discursivas. Esse fenômeno se mostrou presente nos enunciados dos grupos MARANHÊS 1 e MARANHÊS 2, independente do contexto de conversação.

É válido ressaltarmos também que, nos grupos MARANHÊS 1 e 2, a inserção da voz do outro na enunciação está sendo mediada por meio de perguntas, conforme podemos comprovar nas seguintes Unidades de Significado:

(M1-S6): [...] E **tu**, fulano, já leu? (D-1)

M1-S1: E **tu**, fulano, o que acha? (D-2)

(M1-S3): Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (D-2)

(M1-S3): **Tu** tem aí fulano? (D-4)

(M1-S3): **Você** não lembra fulano?(D-4)

(M2-S5): Tenho um material bom aqui de prt **tu** quer? (D-6)

(M2-S1): O que **tu** achou dessa mudança fulano? (D-7)

(M2-S5): Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (D-7)

(M2-S2): Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (D-7)

Das Unidades de Significado destacadas, apenas a “M2-S5: Então **tu** vai me ensinar kkkk (D-7)” não se encontra na forma interrogativa. Esse fato nos leva a afirmar que o interesse em saber da opinião do outro, gera a alternância da posição dos sujeitos enunciadores.

A terceira categoria de nosso olhar interpretativo é **ALTERNÂNCIA ENTRE O USO DO TU E DO VOCÊ**. Essa categoria se manifestou nas seguintes Unidades de Significado.

(M1-S5): Ah, pensei que **você** já tivesse lido! (D-1)

(M1-S5): Vamos combinar para eu e **tu** lermos. (D-1)

(M1-S3): **Tu** tem aí fulano? (D-4)

(M1-S3): **Você** não lembra fulano? (D-4)

(M2-S4): Fulano **vc** acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (D-6)

(M2-S4): Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar. (D-6)

(M2-S4): **Vc** pode mandar tudo de material que tiver aí kkk (D-6)

(M2-S5): Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk (D-7)

(M2-S5): Então **tu** vai me ensinar (D-7)

Nessas Unidades de Significado, a alternância entre o uso do **Tu** e do **Você** se manifestou em D-1, D-4, D-6 e D-7. Os interagentes dos grupos MARANHÊS 1 e 2 usaram os pronomes Tu e Você para se referirem à mesma pessoa discursiva. Esse fenômeno também já foi investigado por outros pesquisadores, como Soto (2007), Lucchesi e Mendes (2009), ainda que de forma primária.

Sobre a alternância de uso dos pronomes Tu e Você, Lucchesi e Mendes (2009, p.471) afirmam que, no português brasileiro, os pronomes pessoais estão assumindo,

[...] formas diferentes consoantes a função sintática que desempenhem, a chamada flexão de caso dos pronomes pessoais, que se manteve na passagem do latim ao português, diferentemente do que ocorreu com os nomes. No Brasil, a substituição dos pronomes tu e vós de 2ª pessoa do discurso pela forma você (s) e do pronome do plural nós pela forma a gente levaram uma forte simplificação morfológica, já que essas formas de origem nominal, não se flexionam quanto ao caso. [...]

Tendo nossa pesquisa um direcionamento local, centralizado na cidade de São Luís do Maranhão, e como objeto de estudo o uso dos pronomes Tu e Você no texto escrito de ludovicenses, percebemos que esse é um evento enunciativo

comum entre os usuários da lingua(gem) no WhatsApp. Há na lingua(gem) de ludovicenses uma aceitação naturalizada do uso dos pronomes **Tu** e **Você** em referência à 2ª pessoa do discurso.

Vemos no caso de **(M1-S5)**, na descrição 1, que diz: “Ah, pensei que **você** já tivesse lido!. Vamos combinar para eu e **tu** lermos”. Ou seja, esse mesmo sujeito discursivo consegue empregar as duas formas pronominais em um mesmo diálogo, sem perda de sentido. O mesmo ocorre com o sujeito **(M1-S3)**, na descrição 4, que coloca **Tu** tem ai fulano?/Eu li. **Você** não lembra fulano?.

Esse mesmo fenômeno ocorre nas descrições 6 e 7, por meio dos sujeitos **(M2-S4)** e **(M2-S5)**, conforme podemos comprovar nas seguintes Unidades de Significado:

(M2-S4): Fulano **vc** acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? **(D-6)**

(M2-S4): Eu quero sim, se **tu** tiver de informática tmb pode mandar. **(D-6)**

(M2-S5): Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk **(D-7)**

(M2-S5): Então **tu** vai me ensinar **(D-7)**

Essa constância enunciativa do fenômeno de alternância entre o **Tu** e o **Você** nos faz refletir sobre a naturalização nos textos escritos de ludovicenses, o que nos leva a reafirmamos, neste estudo, o valor enunciativo de **Você** enquanto pronome pessoal de 2ª pessoa discursiva, bem como desmitificar por meio dessa observação que o pronome **Você** é utilizado apenas em contextos de formalidades.

Para tanto, partimos da seguinte premissa: Se o pronome **Você** tem apenas representação de formalidade e o pronome **Tu** tem valor semântico de informalidade, então os dois não poderiam co-existir no mesmo espaço/contexto discursivo, o que, de fato não ocorre nessas representações enunciativas vistas tanto no grupo MARANHÊS 1 quanto no grupo MARANHÊS 2, nos quais os mesmos **Eu** enunciadores utilizam de forma consciente um, depois o outro na produção de um enunciado.

Esse fenômeno de alternância entre o emprego do **Tu** e do **Você**, também, mostra que independentemente da faixa etária dos sujeitos, do tema debatido, do contexto, esse fato ocorre entre os usuários da língua, sem distinção alguma.

A última categoria aberta a ser interpretada é: **USO DO TU E DO VOCÊ COMO PRONOMES ENDOFÓRICOS**. Essa categoria se revelou como um desdobramento fenomenológico observado nas descrições selecionadas do corpus

do nosso estudo e que, por se tratar de um fenômeno imbricado ao objeto investigado, merece também atenção.

A categoria **USO DO TU E DO VOCÊ COMO PRONOMES ENDOFÓRICOS** se manifestou nas 7 (sete) descrições, a partir das Unidades de Significado a seguir:

- (M1-S6): E **tu**, fulano, já leu? (D-1)
- (M1-S1): E **tu**, fulano, o que acha? (D-2)
- (M1-S3): Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (D-2)
- (M1-S4): Concordo com **você** fulano. (D-3)
- (M1-S3): **Tu** tem aí fulano? (D-4)
- (M1-S3): **Você** não lembra fulano? (D-4)
- (M2-S1): **Você** concorda fulano? (D-5)
- (M2-S3): Concordo também com **você**, fulano (D-5)
- (M2-S5): Concordo também com **você**, fulano (D-6)
- (M2-S4): Fulano **vc** acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (D-6)
- (M2-S1): O que **tu** achou dessa mudança fulano? (D-7)
- (M2-S5): Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk(D-7)
- (M2-S2): Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (D-7)

Os pronomes **Tu** e **Você** estão sendo usados para fazer referência à pessoa do discurso apresentada por meio do nome do interagente, referido anterior ou posteriormente e representado pela expressão “fulano”.

Para atribuir sentidos a essas Unidades de Significado, procuramos dividi-las em dois conjuntos de enunciados, levando em conta a forma como os pronomes **Tu** e **Você** retomam o nome do interagente, no processo de interação. O primeiro conjunto contempla as seguintes Unidades de Significado:

- (M1-S6): E **tu**, fulano, já leu? (D-1)
- (M1-S1): E **tu**, fulano, o que acha? (D-2)
- (M1-S4): Concordo com **você** fulano. (D-3)
- (M1-S3): **Tu** tem aí fulano? (D-4)
- (M1-S3): **Você** não lembra fulano? (D-4)
- (M2-S1): **Você** concorda fulano? (D-5)
- (M2-S3): Concordo também com **você**, fulano (D-5)
- (M2-S5): Concordo também com **você**, fulano (D-6)
- (M2-S1): O que **tu** achou dessa mudança fulano? (D-7)

Nessas Unidades de Significado, os pronomes **Tu** e **Você**, não estão exercendo uma função pronominal de substituição ao nome, na visão da gramática tradicional. Esses pronomes fazem referência ao interagente chamando-o pelo nome, o qual aparece depois deles que, no caso, foi substituído pelo termo “fulano”. Por meio dessa característica endofórica, **Tu** e **Você** dão a esse termo um

anúncio posterior, fato que pode ser associado à catáfora, que diz respeito a um termo usado para fazer referência a outro termo posterior.

Essa forma de os pronomes **Tu** e **Você** retomarem o termo “fulano” pode ser percebida nas Unidades de Significado destacadas anteriormente. Em D-1, D-2 e D-7, a referência ao termo posterior “fulano” é feita pelo pronome **Tu** e em D-3, D-5 e D-6, a referência é feita pelo pronome **Você**. Fazemos destaque às Unidades de Significado identificadas em D-4, as quais revelam que a referência ao termo “fulano” é feita pelos pronomes **Tu** e **Você**, indicando, assim, alternância de uso, conforme já explicitado anteriormente.

. O segundo conjunto de Unidades de Significado está composto pelas seguintes Unidades de Significado:

- (M1-S3): Fulano **Tu** acha que o uso do celular pode ajudar nas aulas? (D-2)
- (M2-S4): Fulano **vc** acha que este ano ainda terá concurso para nível médio? (D-6)
- (M2-S5): Fulano **você** já sabe usar o meet? Kkk(D-7)
- (M2-S2): Fulano **tu** sabe compartilhar arquivos no drive? (D-7)

Nesse caso específico, os pronomes **Tu** e **Você** retomam o termo “fulano”, elemento linguístico apresentado anteriormente no enunciado, característica endofórica associada à anáfora, ou seja, à retomada do referente “Fulano” por meio dos pronomes **Tu** (D-2 e D-7) e **Você** (D-4, D-6 e D-7)

Nesses dois conjuntos de Unidades de Significado, notamos que os pronomes **Tu** e **Você** possuem características de indexação e, conforme Ilari e Neves (2008, p. 519), “eles sempre ‘lançam’, no ponto do texto em que são utilizados, um conjunto de indivíduos que foi delimitado (e eventualmente descrito) em algum outro lugar”.

Assim, essa característica endofórica não pode ser associada apenas à 3ª pessoa, pois o comportamento pronominal observado no texto escrito no Whatsapp dos ludovicenses evidencia a clara presença desses elementos dentro de conversações próprias e particulares aos dois grupos de interagentes.

Essa categoria nos chama a atenção pelo comportamento que os pronomes exercem. No arcabouço teórico que construímos para fundamentar a pesquisa, apresentamos diferentes abordagens que definem o pronome como a palavra ou a expressão que por si só representa o nome. Como exemplo disso, temos definições trazidas de gramáticas tradicionais em que o pronome é definido como “a palavra

que substitui o substantivo ou acompanha o substantivo. Quando acompanha o substantivo, determina-o no espaço ou no contexto” (FARACO; MOURA, 2003, p. 283). Maia (2008, p.267) define pronome como “a palavra que representa um substantivo ou o acompanha, determinado - lhe a extensão do significado, ou faz referência a todo um sintagma anterior”. Huryn (2012, p. 7) corrobora com esse pensamento, ao afirmar que

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), antes de apresentar uma definição que tente explicar o funcionamento dos pronomes dentro da língua, traz uma lista de palavras, subdivididas em: pronomes pessoais, possessivos, de quantificação indefinida e relativizadores. Este, contudo, é apenas um dos modos de categorização, escolhido pela academia brasileira, e não apresenta sequer a unanimidade em diferentes línguas. Em outras línguas românicas, por exemplo, apenas os pronomes pessoais seriam definidos assim, cabendo aos outros a categoria de adjetivos.

Entendemos por isso que, mesmo tendo avançado os estudos sobre o funcionamento dos pronomes, há ainda um longo caminho para que possamos desmitificar os comportamentos categóricos que os pronomes exercem na língua(gem).

Sobre os comportamentos característicos dos pronomes em seu aspecto funcional, Huryn (2012, p. 7) elenca dois: o primeiro seria a capacidade dêitica dos pronomes representarem as pessoas envolvidas no discurso, demarcado primordialmente pela primeira e segunda pessoa. Já o segundo seria a capacidade de esses pronomes representarem elementos externos e anteriores no discurso. Característica essa chamada de endofórica, demarcada pelos pronomes de terceira pessoa.

Conforme o que observamos, podemos destacar que o português brasileiro permite a seus usuários fazerem uso dos pronomes pessoais de 2ª pessoa (Tu/Você) de forma maleável, atribuindo-lhes características endofóricas e/ou dêiticas. A características endofórica pode ocorrer ou não, dependendo de como o usuário faz uso da língua(gem). Já a característica dêitica é inata, instaura-se à medida que mobilizamos esses recursos das pessoas discursivas. Nessa direção, a dêixis foi uma das grandes marcas dos pronomes na Teoria da Enunciação de Benveniste, pois é por meio dessa capacidade que a língua(gem) se materializa em referência discursiva.

Na compreensão/interpretação da categoria **USO DO TU E DO VOCÊ COMO PRONOMES ENDOFÓRICOS**, observamos que os ludovicenses trazem

em sua comunicação grande mobilidade dos pronomes pessoais enquanto recurso endofórico. Esse uso constante demonstra grande aceitabilidade, especialmente dos pronomes de 2ª pessoa (Tu/Você) sendo utilizados nessa função. Não podemos, no entanto, afirmar que esse comportamento pronominal esteja atrelado, especificamente, ao veículo de comunicação virtual, mas sim, à subjetividade do ser estabelecida no ato enunciativo.

6 MARANHÊS 1 E MARANHÊS 2: um olhar conclusivo a partir das Categorias Abertas

Iniciamos as Considerações Finais em torno deste estudo com o pensamento de Martelotta (2009, p.15), segundo o qual “a linguagem é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade”. Sendo assim, a linguagem é fundamental para a vida dos seres humanos. É por meio dela que estabelecemos as relações entre o eu e o outro. Desse modo, a lingua(gem) é carregada de diversas vozes sociais que, embora não sejam vistas de forma explícita, coexistem no nosso processo enunciativo.

Nessa direção, a linguagem se materializa e é posta em uso por meio de recursos linguísticos colocados à disposição de seus utentes. Dentre esses recursos, estão os pronomes pessoais. Foi essa constatação que nos motivou e nos fez trazer à luz faces importantes do fenômeno aqui investigado, a fim de que, uma vez reveladas, possam contribuir para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, especialmente, aqueles voltados para a materialização da linguagem por meio dos pronomes **Tu** e **Você**. Chegamos, pois, ao final de nosso percurso investigativo e voltamo-nos, mais uma vez, à questão norteadora que nos guiou até aqui, consciente da dimensão de possibilidades que a lingua(gem), nos meios de comunicação virtual, tem: de que forma ocorre o uso dos pronomes *Tu* e *Você* em enunciados escritos de ludovicenses no WhatsApp?

Dessa forma, buscando responder à questão norteadora e alcançar nosso objetivo geral que foi o de “investigar o uso dos pronomes **Tu** e **Você** em enunciados escritos no WatsApp”, tomamos como base o pressuposto de que: “a interpretação é, portanto, talvez o acto essencial do pensamento humano; na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado um processo constante de interpretação” (RICOEUR, 1997, p. 20). Assim, por meio dessa interpretação sensível, cautelosa acerca do pensamento humano, estabelecemos como base a *Análise Fenomenológico-Hermenêutica* dos dados.

Aliado a esse pensamento, a *Análise Fenomenológico-Hermenêutica* nos possibilitou um olhar atento, reflexivo que nos direcionou à necessidade de buscarmos caminhos, como a identificação e explicitação das *Unidades de Significado* por meio da *Análise Ideográfica*, a qual nos conduziu à *Análise Nomotética*, pautada na convergência das descrições e identificação das categorias

abertas, bem como o cruzamento dessas categorias abertas com sua interpretação de resultados encontrados.

As observações e coleta de dados ocorreram em dois grupos no WhatsApp, os quais foram nomeados como Maranhês 1 e Maranhês 2. O grupo Maranhês 1 teve como público interagentes com faixa etária de 15 a 29 anos. Neste grupo, foram discutidos diversos temas, no entanto, para nossa pesquisa, foram selecionadas apenas duas temáticas: *DIÁRIO DE UM ESTUDANTE DE ENSINO MÉDIO* e *TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: COMO GARANTIR MAIS MOTIVAÇÃO EM SALA DE AULA*. O grupo Maranhês 2 foi formado por um público com faixa etária de 45 a 60 anos, caracterizado como um público com mentalidade e objetivos de vida distintos do anterior. Para esse grupo, foram selecionadas duas temáticas diferentes das do grupo Maranhês 1, considerando os interesses dos interagentes que estão direcionados a fatores diferentes. As temáticas discutidas no grupo Maranhês 2, foram: *O MERCADO DE TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA* e *AS AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA*.

Foi essa caminhada metodológica que nos possibilitou olhar para as 7 (sete) descrições capturadas dos grupos de Whatsapp **Maranhês 1** e **Maranhês 2**, e relacionar a teoria enunciativa de Benveniste e a busca por compreender os fenômenos ali encontrados. As Unidades de Significado identificadas das 7 (sete) descrições originaram 4 categorias abertas, sendo estas: **USO DO TU E VOCÊ COMO FORMA DE TRATAMENTO; ALTERNÂNCIA DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS DOS ENUNCIADORES; ALTERNÂNCIA ENTRE O USO DO TU E DO VOCÊ** e **USO DO TU E DO VOCÊ COMO PRONOMES ENDOFÓRICOS**, já descritas detalhadamente, no Capítulo 5.

Na primeira categoria aberta ***Uso do tu e você como forma de tratamento***, evidenciamos que, no texto escrito no WhatsApp, o ludovicense usa, de modo geral, o pronome **Tu** com intimidade para se referir ao seu interlocutor. Já o pronome **Você** ainda é usado, em muitas situações, com certa formalidade.

A segunda categoria, nomeada como ***Alternância das posições discursivas dos enunciadores***, demonstra mudança entre as vozes e as posições que os sujeitos ocupam dentro das relações enunciativas; o que nos fez observar que esse grupo, também, teve uma predisposição dentro da categoria de alternância das posições discursivas dos enunciadores, mostrando que ora o sujeito pode dispor de uma posição subjetiva **Eu**, ora pode ocupar lugar de uma

posição intersubjetiva associada à 2ª pessoa, por meio dos pronomes **Tu** e **Você**.

A terceira categoria, nomeada como **Alternância entre o uso do Tu e do Você**, consolidou a ideia central deste estudo, tornando clara a alternância de uso entre o **Tu** e o **Você** e de suas formas correspondentes, tais como: Você/vocês/vc. A constância em que esses pronomes se alternam revelam que o pronome **Você** ganhou espaço no sistema pronominal do texto escrito de ludovicenses, ocupando, assim, lugar enunciativo de 2ª pessoa, em conjunto com o **Tu**.

Embora o **Você** tenha tido aceitabilidade entre os ludovicenses, estes não abandonaram o uso do pronome **Tu**, ainda em uso no processo de interação dos usuários da língua, independente da idade. Comprovamos que há alternância de uso desses pronomes entre os ludovicenses, pois as duas formas coexistem no mesmo plano enunciativo. O fenômeno investigado neste estudo valida a hipótese de que a alternância é um fenômeno linguístico aceito e enraizado no português PB ludovicense, discordando de que o uso do **Você** é utilizado apenas em situações enunciativas de formalidade. Os ambientes de escrita on-line, no caso, o *WhatsApp*, têm seu caráter, em muitos momentos, de informalidade, de pessoalidade, o que contribui para que o **Você** seja aceito por todos como uma forma de substituição ao pronome pessoal **Tu** e/ou vice versa.

A última categoria aberta encontrada neste estudo foi **Uso do Tu e do Você como pronomes endofóricos**. Esta categoria trouxe luz para as duas formas pronominais de 2ª pessoa do singular, o **Tu** e **Você**, clarificando-as com comportamento linguístico incomum, uma vez que os pronomes são utilizados pelas gramáticas tradicionais para substituir o nome. No entanto, observamos que, no texto escrito pelos interagentes dos grupos Maranhês 1 e Maranhês 2, isso não acontecia, pois em algumas situações enunciativas, os pronomes **Tu** e **Você** foram utilizados como recurso enfático, dando, assim, maior realce ao nome pessoal para quem o discurso estava sendo direcionado. Esses pronomes foram usados ora como anáfora, ora como catáfora, conforme foi explicitado, no momento da compreensão/interpretação da categoria.

Ressaltamos que os fenômenos aqui observados não se isolam apenas em um dado, eles se expandem em todos os eixos deste trabalho. Assim, torna palpável a compreensão de que tais fenômenos que envolvem os pronomes têm sido concretos na língua, sobretudo, na capital maranhense. A pesquisa mostrou que, independentemente da idade, os ludovicenses utilizam o **Tu** e o **Você** como

formas igualitárias para representar a 2ª pessoa enunciativa. Nesse sentido, destacamos alguns pontos importantes da investigação, dentre eles, os seguintes:

1) Os sujeitos do enunciado demarcados pela teoria da enunciação são dois, 1ª pessoa – aquela que fala (**Eu**) – e a 2ª pessoa (**Tu/Você**) – aquela que ouve. Com as mudanças possibilitadas pelas tecnologias digitais, mais especificamente, pelas redes sociais da web, vemos que essa segunda pessoa, na realidade, deixa de ser apenas uma pessoa e torna-se um grupo. Deste modo, os interagentes ludovicenses utilizam os pronomes pessoais (**Eu**, **Tu/Você**) para demarcar suas posições discursivas no enunciado, o qual é demarcado pelo sujeito enunciador **Eu** que sempre, ao assumir seu papel de enunciador, passa a marcar seu espaço subjetivo e transcendente com afirmações, como: **Eu** concordo, **Eu** acredito, dentre outras formas.

2) O **Eu** (enunciador principal) é o que sempre instaura o **Tu/Você** dentro da situação enunciativa. Percebemos isso por meio do entendimento de que, mesmo os grupos *Maranhês 1* e *Maranhês 2* dando espaços de conversação espontânea, os sujeitos participantes convidam os seus afins, demarcando-os a partir de seus nomes próprios quando dizem: “E você, fulano o que acha?”. É por meio do **Eu** que essa instauração e a alternância do **Tu/Você** ocorrem no enunciado.

Quando a instauração do **Tu/Você** ocorre, há uma evidente mudança de posição dos sujeitos. Aquele que antes era **Tu/Você** adentra o processo de interação ocupando o espaço transcendente do **Eu**, ou seja, ele deixa de ser considerado **Tu/Você** e assume sua posição de pessoalidade do **Eu** enunciador principal.

3) A ascensão do **Tu/Você** nos levou a perceber que há no texto escrito de ludovicenses, no WhatsApp, uma alteridade entre o uso dos pronomes de 2ª pessoa, tanto em sujeitos de 15 a 29 anos, quanto de sujeitos de 45 a 60 anos. Assim, conforme o fenômeno analisado, tanto o termo pronominal **Tu** quanto o termo **Você** foram naturalizados em seu uso. Há casos em que um mesmo sujeito enunciador utiliza os termos de forma simultânea. Independente de ser um tema mais formal ou menos formal que gerem interações entre os participantes dos grupos *Maranhês 1* e *Maranhês 2*, os usos desses pronomes coexistem no mesmo espaço linguístico-discursivo.

Nesse sentido, podemos afirmar que, embora o **Eu** (1ª pessoa) e o **Tu/Você** (2ª pessoa) ocupem planos diferentes no ato enunciativo, o **Tu** e **Você**, como formas

referentes à 2ª pessoa discursiva, são aceitas com o mesmo nível de igualdade, nos mais diferentes níveis de comunicação e de enunciação, no português do Brasil.

4) Um evento enunciativo mostrou um comportamento incomum dos pronomes **Tu** e **Você**: apresentam características tanto anafóricas como catafóricas. Esses pronomes, além de servirem ao propósito de substituição do nome do sujeito, promovendo a referenciação de termos; são utilizados como recurso estilístico, para enfatizar o nome pessoal do sujeito que está sendo enunciado. Esse fato nos chamou atenção e nos induz a afirmar que os pronomes pessoais **Tu** e **Você** são aceitos nas interações realizadas pelos ludovicenses de tal forma que fazem parte de todos os tipos de relação interlocutiva, adquirindo, portanto, características de uso distintas das que conhecemos até então.

Destacados os pontos que consideramos importantes sobre o desvelamento de nosso fenômeno de investigação, apontamos ainda as seguintes contribuições deste trabalho: trazer para a discussão e reflexão questões pertinentes à alternância de uso dos pronomes pessoais **Tu** e **Você**, na Língua Portuguesa, especialmente na escrita digital de sujeitos ludovicenses.

Essas discussões e reflexões em torno dos pronomes pessoais são pertinentes, pois nos possibilita vermos o lugar do **Tu** e do **Você** no âmbito das realizações enunciativas dos indivíduos, reconhecendo para tanto o campo fértil e frutífero acerca de estudos e de pesquisas das pessoas do discurso, na construção dos enunciados. Isso porque, apesar dos muitos estudos em torno dos pronomes pessoais, no sentido de compreender a sua função enunciativa, ainda há um universo para desvendarmos os sentidos das enunciações realizadas pelos sujeitos enunciadores.

Nesse contexto, a Teoria Linguística da Enunciação se torna fundamental para os estudos que têm como ponto de partida a língua em uso, sobretudo, em enunciados digitais que se constroem diariamente e acompanham o desenvolvimento linguístico. Por meio da investigação dos comportamentos linguísticos dos falantes e da necessidade social desses falantes, podemos compreender a Língua Portuguesa em sua face real, que é o uso em situações enunciativas.

A contribuição dessa pesquisa reside na possibilidade de somar-se às investigações de novas perspectivas de uso dos pronomes **Tu** e **Você** na linguagem digital de ludovicenses, uma vez que, até o momento, muitas características

pronominais da 2ª pessoa vistas, pela ótica desta dissertação, não haviam sido analisadas à luz da Teoria Linguística da Enunciação em corpus constituídos por textos escritos em ambiente digital. Fato esse que contribui até mesmo para a evolução da Teoria da Enunciação de Benveniste que apresentava apenas o **Tu** como relativo à 2ª pessoa discursiva, e esta pesquisa materializa as formas **Tu** e **Você** como formas igualitárias para esse sujeito enunciativo. Este estudo também pode contribuir com o ensino de Língua portuguesa desenvolvido na educação básica, uma vez que pode ser usado como auxílio pedagógico aos professores dessa área de conhecimento, possibilitando-lhes novas formas de ver e conceber o uso dos pronomes **Tu** e **Você**.

Diante dessas possibilidades, corroboramos para as discussões atuais e futuras sobre os pronomes **Tu** e **Você**, uma vez que somente a visão gramatical tradicionalista não vem sendo suficiente para compreendermos o uso da língua(gem) em situações reais de comunicação. A língua(gem) foi condicionada pelas inovações tecnológicas e recebe roupagens sociais que devem ser compreendidas, em sua magnitude.

REFERÊNCIAS

- ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ABREU, Letícia Gantzias. **O pronome você escrito em conversações de ludovicenses no aplicativo whatsapp**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1980.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do “Tu” e do “Você”**: um estudo da realidade sociolinguística do português falado no Maranhão. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/2010_diss_ccbalves.pdf. Acesso em: 6 fev. 2022.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Tradução Bruno Fregni Basseto, Henrique Graciano Murachco. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAHKITIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BARROS, Kazue Saito Monteiro de. Características organizacionais de aulas pela Internet. In: URBANO, Hudinilson *et al.* (org.). **Dino Preti e seus temas**: oralidade, mídia e ensino. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BARTHES, Roland. Escrever, verbo intransitivo? In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 30-39.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1970.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BORGES, Dielen. **Gramática completa**. São Paulo: Hedra Educação, 2013.

CARDOSO, Evaldo Carlos de Oliveira. **A referência e a construção de sentido(s) no texto digital: um olhar fenomenológico**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **História do português brasileiro: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referênciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa: ensaios**. Lisboa: Horizonte, 1972.

COSTA, Dilermando; LOPES, Jurema Rosa. A perspectiva docente quanto ao uso do WhatsApp como ferramenta adicional ao ensino de inglês: um experimento em um curso livre de idiomas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 19., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2015. p. 43-54.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

CRYSTAL, David. El lenguaje, las lenguas e Internet. In: CRYSTAL, David. **El lenguaje e Internet**. [S. l.]: Cambridge, 2002. p. 1-10. Disponível em: http://www.euskadi.eus/contenidos/informacion/artik25_1_crystal_08_06/es_crystal/a_djunto_s/David-Crystal-cas.pdf. Acesso em: 17 maio 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2001.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2003.

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles; FLORES, Valdir do Nascimento; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A Teoria de Benveniste sobre a personalidade e seus desdobramentos na enunciação infantil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2015 p. 527-558. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44509841905164449>.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/sNZ5MrNDxHqdSnYbvdYtvFy/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2022.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 288 p.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação de Benveniste**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

FOLLARI, Roberto A. Problemas em torno da pesquisa qualitativa. *In*: BIANCHETTI, Lucidio; MEKSENAS, Paulo (org.). **A trama do conhecimento**: teoria, escrita em ciência e pesquisa. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Tradução: Letícia M. Rezende. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 29, 1985, p. 111-129. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3759>. Acesso em: 13 maio. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HURYN, Leandro. **Pronomes Anafóricos na Gramática Categorial**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras-Português) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1989.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 6. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

ILARI, Rodolfo.; NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2008. 2 v.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LÉVY, Pierre. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. *In*: FESTIVAL USINA DE ARTE E CULTURA, 1994, Porto Alegre, [Palestra]. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1994. Disponível em: <https://caosmose.net/pierrelevy/aemergen.html>. Acesso em: 28 jan. 2022.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Veraluce da Silva. **O ensino de Língua Portuguesa**: uma abordagem fenomenológica. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1997.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De vossa mercê a cê: os processos de uma mudança em curso pronominalização de nominais

em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, p. 61-76.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. *In*: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). **Norma brasileira em construção**: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ; FAPERJ, 2005, p. 45-66.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2005.

LUCCHESI, Dante; MENDES, Elisângela dos Passos. A flexão de caso dos pronomes pessoais. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Nas sendas de Bakhtin: dialogismo no microdiálogo, no diálogo composicionalmente expreso e no grande diálogo. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., João Pessoa, 2014. **Anais** [...]. João Pessoa: ALFAL, 2014. p. 1-16.

MAIA, João Domingues. **Português**: volume único. São Paulo: Ática, 2005.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.111-119.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação com o poieis. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas. São Paulo: Papirus, 1990.

MODESTO, Ataxerxes Tiago Tácito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, 2006.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Buenos Aires: Suramericana, 1975.

MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes “Tu” e “Você” no português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AIRR-7DHJPA>. Acesso em: 17 maio 2019.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de você no Brasil. **Letras**, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 114-122, 1956.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PAISANA, João. **Fenomenologia e Hermenêutica**: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger. Lisboa: Editora Presença, 1992.

PERES, Edenize Ponzo. De vossa mercê a cê: os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, ES, v. 1, n. 1, p. 155 – 168, 2007.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. **O português falado em São Luís**: os pronomes pessoais na posição de sujeito. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, Universidade Federal de Alagoas, 1996. [Trabalho apresentado].

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada por computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **Fenomenologia**. São Paulo: PANCAST, 1991.

RIBEIRO, Aline Luiza de Magalhães. **Segunda pessoa manifesta em “Tu”**: um exemplo de arcaísmo linguístico?. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Centro Universitário de Patos de Minas, Fundação Educacional de Patos de Minas (UNIPAM), 2005.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Tradução Alcino Cartaxo e Maria José Sara bando. Porto: Rés-Editora, 1991.

RICOEUR, Paul. **O discurso da ação**. Lisboa: Edições 70, 2005.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. **Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 545-576, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v57n2/10.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

SANTOS, Veraluce Lima dos. **A influência das tecnologias de informação e de comunicação no uso da língua e suas implicações no ensino de língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Évora, Portugal, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Teresinha de Jesus Baldez. **Processos enunciativos e gramática operatória**: o espaço semântico-enunciativo dos marcadores ser e estar. São Luís: EDUFMA, 2014.

SOBRE o WhatsApp. **Nosso aplicativo**. [Santa Clara, Califórnia]: WhatsApp, [2021]. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>. Acesso em: 7 maio 2021.

SOTO, Ucy. **Cartas através do tempo**: o lugar do outro na correspondência brasileira. Niterói, RJ: EdUFF, 2007.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Aprendizagem sem distância: tecnologia digital móvel no ensino de língua inglesa. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 39–50, 2015.

STORTO, Letícia Jovelina; GALEMBECK, Paulo de Tarso. A escrita virtual influencia a escrita escolar?. *In*: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS (CELLI). 3., 2007, Maringá. **Anais [...]** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009, p. 1588-1597.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

THOMPSON, John B. O Advento da interação mediada. *In*: THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2009. cap. 3, p. 77-108.

ZILLI, G. N. **Por que “tu” e não “você”?** 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2009.